

## 5

### Analizando o processo de construção de identidade

*A diversidade lingüística funciona como recurso comunicativo nas interações verbais do dia-a-dia no sentido de que, numa conversa, os interlocutores (...) se baseiam em conhecimentos e estereótipos relativos às diferentes maneiras de falar.*

(Gumperz, 2002:150)

Descrevo neste capítulo o processo de análise longitudinal do discurso, gerado durante o período de um ano e meio, em que pude acompanhar o processo de construção da identidade de meu colaborador de pesquisa. Alinho a minha análise à proposta de Hoey (1991) sobre a coesão textual construída através das escolhas lexicais que o indivíduo faz ao interagir em uma prática discursiva. Para o autor, as escolhas lexicais devem ser contextualizadas afim de se construir um texto, seja ele escrito ou oral, de forma coerente. Hoey propõe uma análise, da mesma forma que Coulthard (1996), das escolhas lexicais e gramaticais feitas pelos participantes do discurso com o intuito de entender como ele está construindo o seu significado. Discuto, durante esta análise, a questão da identidade como fator social discursivamente construído à luz dos autores comentados no capítulo de orientação teórica (Moita Lopes, 2002/2003; Cook, 2000; Kleiman, 2002).

Como explicado no capítulo sobre o contexto de pesquisa, estas informações são resultantes de gravações das aulas, de entrevistas com o meu colaborador de pesquisa e gravações do grupo de reflexão do qual fazemos parte.

## 5.1 Organização da análise

Para facilitar a compreensão de minha análise, a divido em quatro partes que são apresentadas de acordo com os temas emergentes a partir de minha interpretação do discurso do Alexandre. Estes quatro temas tentarão encaminhar o leitor para meu entendimento a respeito de minhas questões de pesquisa, sobre a construção da identidade do meu aluno. Para facilitar a compreensão de meu leitor, apresento novamente os questionamentos que faço neste estudo:

- Como um aluno de inglês tornando-se professor, convidado a colaborar em um estudo de caso, constrói sua identidade profissional através de sua inserção em quatro contextos interacionais, a saber:
  - TTC
  - Curso de Letras
  - Sala de aula (como professor)
  - Grupo de Reflexão
- Que relações de alteridade são construídas no discurso entre o aluno-professor e seu professor?
- Por que é importante que o professor de línguas tenha uma formação reflexiva durante o seu processo de construção identitária?

Objetivando compreender estas questões desenvolvo uma análise das informações em dois níveis: micro e macro. Durante a análise micro, estarei construindo os meus entendimentos baseado nas escolhas feitas pelo Alexandre. Já em um segundo momento, construirei uma ponte entre a minha interpretação lingüística do discurso analisado e o referencial teórico que subjaz esta pesquisa. Estes dois níveis serão aplicados aos quatro momentos do processo de construção do Alexandre a serem analisados, onde será demonstrado que o processo de construção da identidade profissional de meu colaborador de pesquisa está em constante mudança de acordo com as práticas discursivas em que ele se engaja.

Este capítulo será dividido em cinco partes. Nas quatro primeiras partes, faço a análise das informações dividindo-as de acordo com a categorização proposta anteriormente. Ao final do capítulo apresento uma revisão das investigações realizadas, objetivando, assim, uma síntese dos resultados obtidos a partir das análises propostas.

## **5.2**

### **Construindo o sonho de ser professor**

Nesta seção, analiso dois recortes das informações utilizadas na elaboração desta pesquisa. O primeiro trecho é um recorte do discurso do Alexandre, meu colaborador de pesquisa, construído durante a aula gravada no dia 15 de setembro de 2003. O extrato seguinte representa um trecho relevante de uma primeira entrevista feita no dia 26 de novembro do mesmo ano. Ambos os recortes de informação serão analisados sob uma perspectiva micro, isto é, uma análise lingüística, seguida por uma análise macro que representa a triangulação dos entendimentos lingüísticos com a base teórica que subjaz esta pesquisa. Passo agora para a análise do primeiro extrato de informações.

#### **5.2.1**

##### ***“He is a mirror for me”***

O primeiro trecho a ser analisado é proveniente de uma atividade desenvolvida em sala de aula. Seguindo os princípios da Prática Exploratória, desenvolvi com a minha turma de inglês de nível avançado uma atividade pedagógica com potencial exploratório<sup>22</sup>. Esta atividade consistia em o aluno sortear o início de uma frase, completá-la e explicar o porquê de sua decisão. O tema da lição que estávamos estudando era a importância do inglês no mundo e porque devemos estudar esta língua. O foco do estudo de língua era a

---

<sup>22</sup> APPE- Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório – de acordo com os princípios da PE uma atividade de sala de aula pode ser transformada em uma atividade exploratória se o seu objetivo for promover o entendimento de uma questão relativa a este contexto. O objetivo desta atividade proposta aos alunos era, inicialmente, investigar como os alunos influenciavam o meu discurso, porém, este foco foi se construindo de forma diferente ao longo da pesquisa como explico na introdução desta dissertação.

argumentação. Todas as frases eram início de uma declaração. Para adaptar esta atividade para o objetivo de minha questão de pesquisa da pesquisa inseri outras frases. Alexandre, meu aluno-colaborador de pesquisa, ficou com a frase: “*My teacher is...*”. Além de ter sorteado esta frase, também foi Alexandre o primeiro a voluntariar-se para começar a atividade.

Algumas considerações cabem aqui serem feitas antes da apresentação da transcrição. Neste trecho pode-se notar que Alexandre constrói seu discurso de forma a nos levar a entender que ele queria expressar a sua vontade em ser professor, construindo, a partir de meu discurso de sala de aula, o seu modelo ideal de professor. Além de parecer me ver como o professor ideal ele também tenta ressaltar as qualidades fora da sala de aula. No quadro 3, apresento a seleção que será analisada neste item:

### Aula do dia 15/09/2003

#### Fragmento Único

T	L	PART	FALA
01	01	Alexandre	May I...?
02	02	Edmar	Yeah. Oh, you're going to start [para a turma] we have a volunteer here
	03		[para o aluno] So, let's start boy
03	04	Alexandre	My teacher is [RISOS]
04	05	Dani	My God... [RISOS]
05	06	Edmar	Come on guys!
06	07	Alexandre	My teacher is very intelligent. I like so much my teacher because he's a...an interesting person... because I... I like to make a lot of jokes with him. And he...he likes my jokes [...] He accepts my jokes. I didn't like last class because my teacher wasn't here. I had class with other teacher. This teacher is very intelligent too. But she is very curious. I don't like curious person. But this is other history and... I prefer my teacher he ... I've never studied with him... this is the first time and I like him so much... I am... I'm enjoying this class so much because he... he is a mirror for me. 'cause he fought a lot for his present and fights a lot for his future. So I intend to fight like him.
	08		
	09		
	10		
	11		
	12		
	13		
	14		
	15		
	16		
07	17	Cintia	[em voz baixa] Apple polisher.
08	18	Roni	: [RISADAS]
09	19	Alexandre	No. No. Let me go on... So I intend to be equal him, not equal but in some things I intend to be just like him.... My plan... I want to be a teacher too... just like he is... I ... Next year I'm going to study languages ... My teacher studied languages... He is very intelligent... He is the best teacher in the course... All the teachers are very good...but... he is the best. I want to be just like him but I don't intend to get married so young.
	20		
	21		
	22		
	23		
	24		
10	25	Carlos	Again [se referindo ao fato do aluno já ter sido casado]
11	26	Alexandre	Again, again, again. So young like him because I've had this experience and I... I learned a lot. But my teacher is so happy in...in his marriage and I intend to be happy like him too because he is a mirror for [SIC] me... to my life...
	27		
	28		
	29		
12	30	Edmar	Ok. Fine... ok very good... so...[RISADAS]

**Quadro 3** – Fragmento da aula do dia 15/09/2003

Neste trecho podemos notar como o Alexandre parece construir a minha identidade como um modelo de vida que ele gostaria de seguir, tanto profissional como pessoalmente. Fato este que nos remete a idéia defendida por Bakhtin (1981) de que nós construímos nosso discurso através do discurso do outro. Somente para citar alguns exemplos desta interpretação, dentre vários que podemos encontrar, gostaria de apontar as linhas 23 e 24 em que ele diz: “All the teachers are very good...but... he is the best. I want to be just like him”, em que ele parece manifestar a idéia do modelo<sup>23</sup> perfeito, ou em: “My teacher is very intelligent. I like so much my teacher because he’s a...an interesting person...(linhas 7 e 8)”, aqui ele descreve a minha característica pessoal e não profissional. Um dado interessante apontado nos exemplos acima citados é o fato de Alexandre expressar em seu discurso não só as minhas características profissionais mas também as pessoais. Esta visão que o Alexandre tem nos remete ao discurso de Moita Lopes (2002) que afirma que somos identidades fragmentadas e que estas identidades coexistem ao mesmo tempo, não podendo uma ser dissociada das outras.

Após esta breve análise, traço uma análise mais lingüisticamente baseada. Apresento a minha interpretação do discurso de Alexandre calcando o meu entendimento nas escolhas lexicais (Coulthard, 1996) por ele feitas, bem como, no conceito discutido em Hoey (1991) de coesão lexical. Ressalto que todas as interpretações feitas neste estudo tem como base principal os meus entendimentos e estes são calcados também em minhas múltiplas identidades; como professor, pesquisador, aluno, em suma em minha identidade como ser humano complexo, difuso e culturalmente afetado (Moita Lopes, 2002).

De acordo com Coulthard (1996), o indivíduo constrói a sua posição perante uma situação interacional através das suas escolhas lexicais. Hoey (1991) corrobora esta mesma idéia, quando afirma que a coerência de um discurso também é determinada pelas relações lexicais estabelecidas ao longo do texto, a este recurso o autor denomina coesão lexical. Tendo como base estas duas premissas, podemos tentar fazer vários entendimentos acerca das escolhas lexicais feitas pelo Alexandre.

---

<sup>23</sup> A idéia de modelo será discutida durante esta análise. Nesta hora, me vale apenas ilustrar alguns exemplos do tópico a ser discutido nesta seção.

Começo a minha interpretação descrevendo a visão que o Alexandre tem sobre a minha identidade. Em seu discurso, Alexandre parece me ver sob duas perspectivas, a profissional e a pessoal. De acordo com suas escolhas lexicais, pude compreender que o meu aluno-colaborador me via profissionalmente como inteligente e competente. O uso do vocábulo “*intelligent*” (linhas 07 e 22) e da expressão “*the best teacher*” (linhas 22 e 23) podem mostrar como o meu aluno percebe a minha identidade profissional. Apesar dele não enfatizar muito os aspectos da aula per se, ele sempre se refere a mim como sendo inteligente. Em relação às aulas, ele apenas comenta que gosta “*I’m enjoying this class so much...*” (linha 14).

Além dos vocábulos citados acima, Alexandre, também, quando se refere às qualidades profissionais, faz referência clara ao fato de eu ter feito Letras como sendo decisivo para a minha personalidade como professor. Em “*My teacher studied languages... he is very intelligent*” (linhas 21 e 22), posso entender como uma associação vocabular que Hoey (1991) chama de coesão lexical, visto que em uma análise da coerência desta sentença podemos destacar que a expressão “*studied languages*” exerce uma forte relação com o vocábulo “*intelligent*” e ambos estão interrelacionados com a expressão “*the best teacher*”, todos presentes nas linhas 21 à 23. Esta coesão lexical, como aponta Hoey (1991), faz com que o discurso se torne coerente e, de acordo com Cook (2000), discurso representa o uso da linguagem de forma coerente para a construção de significado. Analisando sua fala, percebo que Alexandre constrói a minha identidade profissional através do adjetivo “*intelligent*” e da forma de superlativo “*the best*”.

Dentro desta perspectiva profissional, Alexandre ainda demonstra admiração por mim ao expressar sua vontade de ser profissionalmente igual a mim. Em “*he is a mirror for me*” (linhas 14 e 15), o uso de “*mirror*” traz à tona o entendimento de que ele poderia estar me vendo como um modelo profissional a ser seguido. Esta idéia aparece novamente na linha 19 quando ele utiliza o verbo “*intend*” seguido do vocábulo “*equal*”; esta mesma idéia também parece ser retomada com mais veemência nas linhas 20 e 21, quando Alexandre expressa claramente seu desejo de ser professor “*I want to be a teacher too... just like he is...*”. O uso do verbo “*want*” e da expressão “*just like*” nos parece sinalizar lingüisticamente este desejo de Alexandre.

A outra visão que Alexandre apresenta em seu discurso sobre a minha identidade, é a pessoal. Neste campo, Alexandre constrói uma imagem descontraída. Logo no início de sua fala, ele aponta para o fato de eu ser diferente de outros professores que já tivera. Em *“I like my teacher because he’s a... an interesting person...”* (linhas 7 e 8) o emprego da palavra *“interesting”* talvez indique uma conotação diferente de professor se comparado com outros professores. Outro indicio desta visão está expresso em *“person”*, que ele alia a *“teacher”*, o que indicaria que eu não sou visto, por ele, apenas como um professor e sim como uma pessoa.

Outro traço da minha identidade pessoal, percebida por Alexandre como sendo integrada à profissional, está no fato dele me ver como um igual, quando ele diz *“He likes my jokes”* e *“He accepts my jokes”* (linha 9) posso interpretar como uma maneira de expressar que ele não me veja como um professor tradicional e sim um professor que tenta estar presente no cotidiano do aluno. O uso dos termos *“accepts”* e *“likes”* podem indicar uma possível manifestação desta interpretação. Outro indício desta visão diferenciada de professor que Alexandre constrói em seu discurso pode ser encontrado na linha 28, quando ele diz *“I intend to be happy like him too”*, querendo dizer que ele deseja ser tão feliz quanto o professor

A única ressalva que Alexandre aponta em relação à identidade ‘não profissional’ do professor está no fato de eu ser casado. Para ele, o casamento é uma instituição que não deu certo. Como dito anteriormente, o aluno em questão já foi casado, por isso ele tem certas ressalvas em relação ao casamento. Mesmo assim ele continua a afirmar que como pessoa eu sou uma pessoa feliz, e que ele gostaria de ser igual a mim.

Nas suas últimas falas, ele retoma a idéia de que eu seja “um espelho” para ele (linhas 28 e 29). Contudo, desta vez ele não só aponta o profissional mas para o pessoal também. As escolhas lexicais feitas por ele podem nos revelar esta visão. Quando ele diz *“He is a mirror for me... to my life...”*. Ele retoma a idéia de espelhamento, porém, desta vez este espelho parece refletir, não só o profissional Edmar, mas também o ser humano Edmar.

Novamente, para dar suporte aos meus entendimentos sobre o discurso do Alexandre, faço menção a Hoey (1991). Segundo o autor, a coesão de significado de um texto é expressa através do recorte vocabular que o autor do texto faz.

Trazendo esta idéia para o escopo de meus entendimentos, posso ponderar que as escolhas lexicais do meu aluno-colaborador seguem uma lógica de significado. Esta lógica começa com a construção de uma imagem profissional e pessoal do professor para então apontar como estas duas identidades se completam em um modelo de vida que ele pensa em seguir. Os vocábulos “*intelligent*”, “*interesting*”, “*the best*” e “*happy*” auxiliam Alexandre a adjetivar o professor que, para ele, será seu modelo de vida.

Se, de acordo com Bakhtin (1981), construímos nosso discurso através do discurso do outro e, ao construirmos o nosso discurso, como afirma Moita Lopes (2002), estamos construindo a nossa identidade, posso apontar que o discurso de Alexandre esteja dialogando com o meu discurso de sala de aula e com minhas práticas discursivas fora dela. Desta forma, ele está construindo não só a minha identidade como ser humano atuante na sociedade, e sim sua própria identidade atual e futura. Vendo-me como um espelho, Alexandre está construindo um sonho. Sonho que para ele está muito perto do real, como podemos notar na linha 21 em “*Next year I’m going to study languages*”. O uso do aspecto de futuro “*going to*” indica que ele tem, de certa forma, a certeza de que conseguirá seguir o modelo que ele está construindo em seu discurso, pois esta fala antecede a menção ao fato do professor ter estudado Letras.

### 5.2.2.

#### **“bom professor [...] é aquele que faz o aluno estudar...”**

Como dito anteriormente, o objetivo desta análise é traçar uma linha evolutiva do processo de construção da identidade profissional de meu aluno-colaborador nesta pesquisa. Na seção anterior, pudemos notar como Alexandre expressa sua vontade de ser professor. No extrato analisado nesta seção tentarei demonstrar a visão que Alexandre constrói sobre a profissão que estava prestes a optar. Cabe ressaltar que os dados aqui utilizados são provenientes da entrevista feita no dia 26 de novembro de 2003, e que, nesta época, ele era aluno do curso avançado de inglês, não tendo tido ainda nenhum contato com qualquer estudo sobre formação de professores. Esta entrevista foi construída a partir das informações discutidas na seção anterior, e seu objetivo foi tentar entender como o

meu aluno-colaborador analisaria seu próprio discurso, a fim de compreender melhor como ele percebia o que era ser professor.

De acordo com o trecho a ser apresentado abaixo, Alexandre aparenta ter a crença de que para ser professor basta seguir um modelo. Como aponta Fontana (2000), este conceito de modelo é freqüentemente observado em narrativas de professores. Em seu livro, a autora analisa narrativa de professoras de ensino fundamental tentando traçar um paradigma entre vocação, inspiração e formação no processo de construção da identidades das professoras. E da mesma forma que no discurso do Alexandre, Fontana aponta que, na narrativas das professoras freqüentemente pode ser observada a crença de que para ser professor basta seguir um modelo tido por elas como o ideal. A seguir, tentarei discutir esta questão à luz do recorte do discurso construído por Alexandre. Analisemos, então, o recorte da entrevista descrita acima, apresentada no quadro 4.

### Entrevista dia 26/11/2003

#### Fragmento 1

T	L	PART	FALA
01	01	Edmar	Eu queria que você lesse este trecho e dissesse o que você acha?
02	02 03	Alexandre	Bom eu acho que... que sei lá... pra mim você é o melhor professor que tive... tenho... é... se eu virar professor eu quero ser igual você.
03	04	Edmar	Por que?
04	05 06 07 08	Alexandre	Ah... por que eu acho que... que... que você é... o professor que todos queriam ser. Eu te vejo como... como... um espelho pra mim. Eu não sei se eu vou ser professor mas se eu virar professor eu quero ser igual a você.
05	09	Edmar	Mas, você pensa em ser professor?
06	10 11 12 13 14 15 16 17	Alexandre	Eu quero trabalhar com inglês... não... não sei se quero... é ... ser professor mas... é... uma coisa a se pensar. [...] Não sei se vou ser...é ...ou não professor... mas seu eu for... eu quero me espelhar em meus bons professores... você, a Rosana... é vocês são bons professores por isso eu acho que ... que tenho que ver os exemplos que vocês dão... é... vocês têm paixão...é... amor pelo que fazem... eu admiro muito gente assim. E se eu virar mesmo professor eu quero ser igual a você.
07	18	Edmar	Você disse que quer ser igual a mim, como você me vê?
08	19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	Alexandre	Sei lá [RISOS]... pra mim você é o melhor professor que eu já tive. É... eu gosto das suas aulas... você é... muito exigente... mas você só cobra o que dá... você exige do aluno que ele estude... isso é muito bom... porque os alunos têm que ter...é... limites... eles têm que saber que têm que estudar. Se eles estão ali na aula eles têm que fazer... seus... suas obrigações. E... você faz com que nós... é... temos responsabilidades. Com você o aluno não tem outra escolha... é... ele só pode estudar... ou ele estuda... ou ele estuda... eu gosto de professor assim... só que às vezes... também é... [...] você exagera na cobrança e acaba querendo demais de nós... igual na prova....

**Quadro 4** – Fragmento 1 da entrevista do dia 26/11/2003

No primeiro momento de construção apresentado no fragmento acima, Alexandre retoma a questão do bom professor, como havia feito no extrato analisado no item anterior. Ele utiliza, só que desta vez em língua portuguesa, o termo “melhor” (linha 2) para me definir. Ao fazer uso da estrutura de comparativo, nas linhas 2 e 3, ele me compara com outros professores. Para fazer esta comparação, Alexandre utiliza a conjugação do verbo *ter* em dois tempos distintos, o passado *tive* e o presente “tenho”. O uso destes termos pode nos dar a percepção de dúvida no discurso de Alexandre. Segundo Coulthard (1996), as escolhas lexicais feitas pelos interlocutores de uma ação interativa podem comprovar a assertividade de um dado enunciado. Assim sendo, como esta entrevista foi estabelecida baseada na gravação da aula analisada anteriormente, podemos inferir que o discurso de meu interlocutor apresenta uma certa dúvida. Este fato pode, talvez, nos fazer suspeitar o quanto Alexandre realmente estava certo de sua vontade de ser professor. Esta dúvida é retomada na linha 3, pelo uso do vocábulo “se” que introduz uma forma de condicional e ao mesmo tempo levanta a dúvida supracitada.

Contudo, Alexandre parece reforçar a idéia de modelo quando, ao completar a forma de condicional iniciada pelo vocábulo “se”, diz que quer ser igual a mim (linha 3). A escolha da palavra “igual” em “quero ser igual a você” na linha 3, pode estar sinalizando esta questão, já levantada no item anterior; para ser um bom professor basta seguir um modelo tido como ideal. Durante toda a entrevista, Alexandre confirma esta visão citando outros professores. Em “eu quero me espelhar em meus bons professores... você, a Rosana” (linhas 12 e 13), este fato pode ser notado. Não pretendo neste estudo discutir a validade de se ter ou não modelos, mas sim, discutir esta crença, a partir do discurso de Alexandre durante esta entrevista.

A partir da minha própria trajetória de construção identitária, lembro que um fator decisivo para minha escolha profissional foi uma professora que tive no curso de inglês que eu cursava. Outro fato interessante é que o curso é o mesmo que Alexandre frequenta. Como também fui aluno e tornei-me professor nesta mesma escola, talvez possa afirmar que é comum sempre nos inspiramos em modelos para fazermos nossa escolha profissional. Fontana (2000) discute esta questão em seu livro. Segundo a autora, apesar de analisar outro contexto, a decisão de tornarmos professores perpassa pelos modelos que nos são

apresentados durante nossa vida. No discurso de Alexandre, as escolhas lexicais e gramaticais dão idéia de comparação ao falar de seus modelos. Em “você é o melhor professor que eu tive... tenho”, ele me compara com seus professores antigos e também com seus professores atuais. Em meu próprio processo de construção, recordo que sempre fiz este tipo de comparação a respeito da professora que foi a minha inspiração para escolher esta profissão. Hoje nós somos mais próximos<sup>24</sup>, mas minha admiração por ela continua a mesma, ela ainda é uma inspiração para mim. Acredito que modelos todos nós temos um para poder escolher a nossa trajetória de vida. Na transcrição abaixo apresentada, Alexandre continua a desenvolver a crença sobre modelos.

### Entrevista dia 26/11/2003

#### Fragmento 2

T	L	PART	FALA
09	29	Edmar	O que aconteceu na prova?
10	30 31 32 33 34	Alexandre	Na prova... na prova você tirou ponto até... de... de pingo no i. Pra mim isso também e demais [RISOS] né. Você falou que não ia fazer a menor questão de... de... entender a letra da gente... isso é bom... por que a gente fica mais organizado... mas na hora de dar a nota você podia ser um pouquinho mais.... eh bonzinho.
11	35	Edmar	Você me acha ruim[RISOS]?
12	36 37 38 39 40 41 42	Alexandre	Não.... não... não.... é isso. é... que você tem essa fama de Badmar [RISOS] todo mundo tem medo de estudar com você... por que você é o coordenador ... você manda nos outros professores... é marido da Angela... aí todo mundo fica falando... mas ... é que ... quando a gente te conhece a gente vê que você só quer... que a gente... eh ... fale inglês... e isso as vezes pode... é por isso... você às vezes pega pesado com a gente.
13	43	Edmar	Sé você virar professor... é... como é que você vai ser?
14	44 45 46 47 48	Alexandre	Num sei, acho que vou ser igual a você... por que eu acho... que o ... o ... o ... bom professor [...] é aquele que faz o aluno estudar... eu nunca estudei tanto desde que... é...quando entrei no curso. Você me faz estudar mas ainda e... eu... é gosto disso... por ... por isso se eu for professor eu vou fazer igual a você.
15	49	Edmar	Mas você quer ser professor?
16	50 51	Alexandre	Querer... eu quero... mas eu não sei se eu sou tão bom para isso...[...]
17	52	Edmar	O que é ser tão bom?
18	53 54 55 56 57 58	Alexandre	É pra ser professor tem que estudar muito mais... não que eu não estude... mas... é... que... que... pra ser professor tem que estudar muito mais... seu estou estudando... mas eu tenho que estudar muito mais... por que eu tenho que saber muito mais... igual você, a Rosana... todo professor tem que estudar muito... muito mais do que pra prova.

**Quadro 5** – Fragmento 2 da entrevista do dia 26/11/2003

<sup>24</sup> Marcia, a professora que foi minha inspiração é hoje minha cunhada, e trabalhamos juntos na mesma escola de línguas onde esta pesquisa está sendo realizada.

Apesar de projetar em mim o seu modelo de vida, Alexandre demonstra uma certa indecisão quanto a sua escolha em ser professor, como já mencionado anteriormente. Contudo, conforme a entrevista vai prosseguindo, ele torna-se um pouco mais assertivo quanto a sua escolha. Nas linhas 50 e 51, quando ele diz “Querer...e eu quero... mas eu não sei se sou tão bom para isso...”, em relação à escolha, Alexandre demonstra um pouco mais de certeza do que havia mostrado no seu discurso até então. Entretanto, esta dúvida volta quando ele se questiona sobre a qualidade de seu inglês “mas eu não sei se sou tão bom para isso” (linha 50). Notamos que neste fragmento está presente não só a questão da dúvida quanto à escolha da profissão, mas também a incerteza baseada na crença de que o professor sabe tudo. Esta crença nos remete ao modelo tradicional de ensino como transmissão de conhecimento, em que o professor era visto como o detentor do conhecimento, aquele que transmitia sabedoria para o aluno. Idéia esta que vai de encontro com que se discute hoje sobre o letramento socialmente informado (Vieira Abrão, 2000), em que o professor representa o par mais competente<sup>25</sup> e não o detentor de conhecimento. No fragmento analisado nesta seção, Alexandre vê o professor como aquele que sabe mais. Ele não percebe seu domínio do inglês como sendo bom o suficiente para ser professor, nem que ele estude o bastante, apesar de ser um dos alunos mais participativos da turma. Ele representa esta crença através de suas escolhas lexicais sublinhadas no trecho abaixo:

18	53	Alexandre	É pra ser <u>professor</u> tem que <u>estudar muito mais...</u> não que eu não
	54		estude... mas... é... que... que... pra ser <u>professor</u> tem que <u>estudar</u>
	55		<u>muito mais...</u> seu estou estudando... mas eu tenho que <u>estudar muito</u>
	56		<u>mais...</u> por que eu tenho que <u>saber muito mais...</u> igual você, a
	57		Rosana... <u>todo professor tem que estudar muito... muito mais do que</u>
	58		<u>pra prova.</u>

Notamos o uso de várias escolhas lexicais que podem corroborar a idéia que Alexandre parece construir de que o professor é aquele que tem o conhecimento. Hoey (1991) afirma que uma maneira de manter a coesão lexical seria através do uso de repetição. No trecho selecionado acima podemos notar a repetição do intensificador “muito mais” associado ao verbo “estudar” para poder descrever o que é necessário para ser professor. Confirmando esta idéia, Alexandre termina este trecho do seu discurso dizendo que “todo professor tem que estudar muito...

<sup>25</sup> O conceito de par mais competente foi discutido por Moita Lopes (1996).

mais do que pra prova” o grifo feito neste enunciado nos mostra a crença que o aluno tem de que ser professor é conhecer tudo sobre um determinado assunto, ou seja, como fora dito anteriormente, ser o detentor do conhecimento. O uso do quantitativo “todo” em “todo professor” talvez nos leve a crer que durante todo o seu discurso, a dúvida apresentada por ele seja decorrente desta visão tradicionalista sobre a relação professor/aluno/conhecimento, onde o primeiro seria o detentor do conhecimento e o segundo aquele que vai receber o mesmo. Contudo, a todo momento, Alexandre parece estar querendo se redimir desta dúvida ao dizer que ele está estudando e que pretende estudar muito mais.

Em uma esfera micro, pude notar que Alexandre constrói-se baseado em duas crenças que circundam o seu discurso: a crença de que para ser professor basta que o indivíduo siga um modelo e, também se faz necessário que ele estude muito, pois o professor deve saber de tudo, já que ele é o detentor do conhecimento. Estas crenças são construídas e reforçadas através das escolhas lexicais que Alexandre faz ao longo do fragmento analisado. Até a questão da dúvida que ele tem sobre ser ou não professor perpassa estas crenças. Pois ele parece não se julgar bom o suficiente para exercer tal profissão. Então, expressões de dúvida estão presentes praticamente em todas as suas falas. Em relação à semântica das palavras utilizadas por Alexandre para descrever o que é ser professor, pode ser notado o uso repetitivo da expressão “estudar muito”. Que se inter-relaciona de forma direta com a descrição que ele faz sobre mim. A expressão “melhor professor” (linhas 02 e repetido na linha 19) está coesivamente ligada a “estudar” (linhas 53 até 58).

Prosseguindo com a micro-análise do discurso do Alexandre, também pode-se perceber a visão que ele tem sobre o Curso de Letras:

## Entrevista dia 26/11/2003

## Fragmento 3

T	L	PART	FALA
19	59	Edmar	Você falou da Rosana, é a Segunda vez que você fala nela. Por que?
20	60 61 62 63	Alexandre	É que a Rosana também é uma professora exigente e eu gosto muito de professor assim. Se eu só tivesse professor assim eu ... eu... teria um inglês muito melhor [...] E pra ser professor tem que ter um inglês de professor.
21	64	Edmar	O que é um inglês de professor?
22	65 66	Alexandre	Bem... é... assim igual o seu. Certo...com uma pronúncia perfeita... inglês de que estuda muito.
23	67	Edmar	Mas você não estuda muito?
24	68 69 70 71 72 73	Alexandre	Agora eu estudo... desde que eu comecei a estudar com você... por isso eu quero... é ser... professor... mas acho que ainda vai demorar... por... que eu tenho... que estudar muito mais para isso. Assim... é... você tá sempre estudando já fez faculdade... ta fazendo pós-graduação... tudo em inglês. E se eu quiser ser um bom professor eu tenho que fazer igual você.. tenho que estudar muito...
25	74	Edmar	Pra você... o que é preciso para ser professor?
26	75	Alexandre	Ter um bom inglês.
27	76	Edmar	Só isso...?
28	77 78 79 80 81 82 83	Alexandre	Ah... sei lá... fazer igual os bons professores fazem... é... tentar fazer as atividades que eles fazem e são legais... tá sempre conversando com outros colegas... vê se o colega te dá ... umas atividades legais... Por exemplo... é se eu virasse professor eu ...ia sempre te perturbar[RISOS] te pedir ajuda... saber... como é que se faz pra dá uma aula legal... Como eu disse aqui... eu ia tentar ter você como meu espelho.
29	84 85	Edmar	Além da experiência o que mais é necessário... você acha que tem que ir para a Faculdade de Letras?
30	86 87 88 89 90 91 92 93	Alexandre	Eu quero fazer faculdade... mas... não sei se é essencial... fazer... Letras... o que tem que ser é criativo e conversar muito com alguém. A faculdade pode até ajudar mas se não fizer Letras não tem problema... o importante é Ter um bom inglês e ter tido bons professores... professores que você pode copiar. Você só tem que ir pra faculdade se você quiser dar aula em escola... aí você tem que ter diploma... mas pra da aula de inglês mesmo tem que ser criativo e ter um bom inglês.

Quadro 6 – Fragmento 3 da entrevista do dia 26/11/2003

Para ele, o Curso de Letras parece não representar um fator decisivo na formação do professor que atue em contexto de curso de línguas. Ele constrói um discurso retomando a questão do modelo, sendo que desta vez ele se mostra mais assertivo quanto a esta questão. O uso do verbo “copiar” na linha 90, pode ser tomado como um indício desta assertividade, pois de acordo com Coulthard (1996), as escolhas lexicais feitas por um falante podem revelar as idéias e intenções ocultas no texto. Alexandre assume a postura de que para ser um bom professor é necessário “ter tido bons professores” (linhas 89 e 90). Para ele, o Curso de Letras só se faz necessário se você quiser dar aulas em escola. No

contexto em que ele demonstra vontade de atuar, cursos livres de língua, ele não vê o Curso de Letras como um fator decisivo.

Trazendo esta análise micro para uma esfera macro e triangulando-a com o referencial teórico discutido anteriormente, é possível fazer algumas especulações acerca de como Alexandre está construindo a sua identidade através do discurso. Tradicionalmente, na escola, o professor é visto com o detentor do conhecimento (Moita Lopes, 1996). Alexandre parece trazer para seu discurso a sua vivência escolar prévia. Assumindo para si a voz do outro ou dos outros (Bakhtin, 1981) que fizeram parte daquele contexto. Ao assumir esta posição, ele pode estar sinalizando, através da necessidade que ele aponta de que o professor tem a obrigação de estudar muito, de que ele talvez tenha algum receio de não ser capaz de seguir esta profissão.

No que tange à questão da formação do professor, ele demonstra claramente que não vê necessidade de o professor ter que fazer o curso de Letras para poder atuar em contexto de curso de línguas. Podemos especular que, ao longo de seu estudo de língua inglesa, ele teve alguns professores que não eram formados em Letras. Uma das professoras que ele cita durante a entrevista, Rosana, não tem nenhuma formação na área de Letras e ele a considera como sendo uma das melhores professoras que ele teve. Segundo Moita Lopes (2002), o indivíduo constrói sua identidade social ao se engajar em práticas discursivas onde ele negocia significados confirmando ou reformulando seus conceitos bem como criando novos. Assim, Alexandre, ao construir sua identidade do que é ser professor de curso de línguas, negocia e traz à tona toda a sua vivência anterior sobre o tema em voga. Dutra (2003) trata a questão do professor como o responsável, por ser o par mais competente, da construção de sentidos e, conseqüentemente, também desempenha um papel extremamente importante no processo de construção dos conceitos e pré-conceitos<sup>26</sup> de seus alunos. Como a Rosana não esconde de nenhum de seus alunos que não é formada em Letras e, o aluno aqui em questão, a considera uma boa professora, ele traz esta noção para dentro de seu discurso e de sua formação identitária.

De acordo com a visão bakhtiniana de que nos construímos através do discurso do outro e vice-versa, posso, então, afirmar que o discurso de Alexandre,

---

<sup>26</sup> A noção de pré-conceito utilizada neste trabalho não carrega nenhuma conotação de juízo de valores.

suas crenças e idéias, parece estar sendo construído através do contato que ele tem e/ou teve com modelos julgados por ele como perfeitos e imutáveis. Corroborando esta idéia, encontro em Fontana (2002) uma discussão sobre a metáfora dos espelhos. Segundo a autora, nós somos o reflexo dos espelhos de nossa vivência. Desta forma, Alexandre pode estar tentando projetar em mim a sua identidade futura. E ao mesmo tempo, eu vejo meu reflexo passado na construção de seu discurso. Isto pode se dever a diversos fatores, visto que nós temos uma experiência de vida pregressa que apresenta alguns aspectos em comum. Ambos, Alexandre e eu somos da mesma classe social, da mesma raça, viemos do contexto escolar de escola pública, perdemos nosso pai quando ainda éramos muito jovens, entre outros aspectos. Toda esta semelhança de experiência de vida pode estar fazendo com que tanto Alexandre quanto eu estejamos nos projetando um no outro, ele me vendo como sua imagem de futuro e eu o entendendo como meu reflexo passado no espelho da vida.

Em suma, o discurso de meu aluno-colaborador de pesquisa parece sinalizar para mim, professor-colaborador- pesquisador, que ao construir o meu discurso de sala de aula, não só estou ensinando inglês aos meus alunos, mas sim construindo modelos que devem/podem ou não ser seguidos. No caso do Alexandre, especificamente, ele me vê, neste momento, como um modelo de vida que ele talvez deva/possa seguir, tanto profissional quanto pessoalmente. Meu entendimento deste extrato da fala do Alexandre vem corroborar a idéia defendida por Dutra (2003) de que a escola é um local social onde as práticas de letramento podem contribuir para o repensar das identidades. O posicionamento do professor durante o discurso construído em sala de aula influencia, dentro de uma perspectiva bakhtiniana, o construir do discurso de seu aprendiz e desta forma faz com que ele repense sua identidade. No caso estudado para esta pesquisa, nesta primeira análise podemos depreender a construção de um sonho cuja evolução poderemos acompanhar nas próximas seqüências de análise. Ressalvo ainda, e novamente que, de acordo com meus entendimentos, a partir do extrato analisado nesta seção, o professor desempenha um papel de extrema importância no processo de construção social de seus aprendizes. Meu trabalho interpretativo como professor-colaborador e autor desta dissertação está me oferecendo a oportunidade de repensar a construção de identidade profissional do Alexandre

mas também, com base na alteridade do processo, na construção de minha própria identidade profissional.

Conforme disse anteriormente, meu interesse primeiro era investigar a forma em que os alunos participam de minha construção de identidade profissional. Hoje entendo que no discurso de sala de aula se encontram em constante construção e reconstrução as múltiplas identidades dos aprendizes e do professor. Penso ainda, que ao convidar Alexandre para se engajar neste processo de pesquisa exploratório e colaborativo estou oferecendo oportunidades para que ele também repense seu processo de construção identitária.

### **5.3 Construindo-se como professor**

Neste segundo momento da investigação das informações proponho uma análise ao mesmo tempo de três momentos do processo de construção da identidade profissional do Alexandre e dos meus entendimentos que surgiram no processo de análise. O primeiro trecho que analiso é um relatório<sup>27</sup> de observação de aulas que é parte integrante do processo de avaliação de metodologia dos alunos do TTC. Contudo, o relatório analisado foi na verdade um pouco diferente pois não é, como dito anteriormente, um relatório de observação de aula e sim um relatório da aula que Alexandre ministrou em substituição à professora da turma. Seguindo a análise do relatório, traço uma compreensão da reflexão feita pelo Alexandre sobre o relatório e finalizo este momento de investigação comentando sobre o que posso compreender a partir da entrevista conduzida no dia 28 de agosto de 2004.

Contudo, é importante deixar claro que os dados analisados nesta seção representam as reflexões do meu colaborador de pesquisa no decorrer de um ano desde o início deste processo investigativo. Ainda, faz-se necessário a explicação de que, como esta é a proposta desta pesquisa, pretendo demonstrar linguisticamente os meus entendimentos acerca das mudanças do discurso do Alexandre, confirmando a premissa de que o indivíduo constrói suas identidades através das diversas práticas discursivas nas quais ele se engaja.

---

<sup>27</sup> O modelo dos relatórios encontra-se no anexo 5.

### 5.3.1

#### **“Substituting a friend is always difficult ...”**

Nesta subseção, começo a apresentar a minha interpretação sobre a mudança do discurso do Alexandre ao longo do processo de sua formação inicial como professor. O primeiro recorte de informações que analiso é, como dito anteriormente, o relatório de observação de aulas que ele, como aluno do TTC, tem que entregar periodicamente como parte integrante do processo de avaliação da disciplina Metodologia. Um fator distintivo que me fez optar por este relatório, dentre os cinco que os alunos devem escrever, foi o fato dele não ser uma simples descrição da aula de outro professor, e sim um relato de uma aula em que o Alexandre substituiu a professora da turma. Assim sendo, este não representa uma descrição e sim uma reflexão sobre aquela aula.

Neste recorte, pode ser notado que Alexandre está em um processo de mudança de discurso, o que nos remete a entender que isto se deva ao fato dele estar engajado em novos contextos discursivos, corroborando, desta forma, a idéia defendida por Moita Lopes (2000) de que o indivíduo constrói-se através das práticas discursivas nas quais ele se engaja. Neste relatório, mostro como o Alexandre constrói-se discursivamente como membro de uma nova comunidade; a comunidade de professores do curso. Analisemos, então o texto a seguir:

#### **Relatório de Estágio**

#### **Fragmento Único**

<b>T</b>	<b>L</b>	<b>PART</b>	<b>FALA</b>
01	01	Alexandre	<p>This class was different from the others because Daniele couldn't teach. She was sick, so, there was a <u>substitute teacher (me)</u>. The students accepted <u>the teacher</u> well because they already know <u>him</u>. <u>Substituting a friend is always difficult</u>, but as the students knew me before it was not so difficult. This report is also different from the others because <u>I am describing my own class and not a colleague's class</u>, even being as a substitute.</p> <p>As it was the class just after she had finished the chapter, I decided to make a review. Since I had already had contact with the class I knew their difficulties and I could work with them. In this review I prepared a game, a kind of tic-tac-toe. The class thought it was funny. All the students had good participation, I tried to speak in English all the time. After this review I worked with a song and asked the students to complete the lyrics as they hear. It was a little difficult for them, but at the end they managed to do that.</p> <p>English was used most of the time only when the students didn't know how to speak in what they meant in the target language they spoke in their mother tongue.</p> <p>I think this class was nice. Though they were not having class with their</p>
	02		
	03		
	04		
	05		
	06		
	07		
	08		
	09		
	10		
	11		
	12		
	13		
	14		
	15		
	16		
	17		
	18		
	19		

	20		teacher we had a good interaction. Maybe because they were used to having <u>me</u> as a participant of the class, that is, a teacher in formation. They knew I was a student at the TTC course and I was starting to teach some groups at the course. It may have facilitated my job in this class.
	21		
	22		
	23		

**Quadro 7** – Relatório de Estágio

Um aspecto que logo me chamou atenção neste relatório foram as escolhas lexicais utilizadas pelo Alexandre para se referir à professora da turma. Ele a posiciona em seu discurso como uma amiga e colega e não como uma professora. Em “*Substituting a friend is always difficult*” (linha 04), o uso do vocábulo “a friend” pode ser entendido como um indício deste posicionamento. A mesma idéia é retomada na linha 6, quando ele utiliza o termo “*colleague*” em “*I am describing my own class and not a colleague’s class*”. Ao posicionar a professora como sendo do mesmo grupo dele através dos termos “*friend*” e “*colleague*”, percebo que Alexandre está se afirmando como membro da mesma comunidade em que a professora está incluída: a comunidade de professores do curso. Eu, também, noto como ele se posiciona como “*substitute teacher (me)*”, como “*the teacher*” e “*him*” x “*me*”. Ele parece querer se distanciar de sua posição ou construir seu texto com um tom profissional ou de ‘objetividade’.

Outro aspecto que caracteriza os dois primeiros parágrafos é que neles Alexandre constrói seu discurso opondo o grupo de professores e o grupo dos alunos, como podemos notar no extrato abaixo:

01	04	Alexandre	Substituting a <u>friend</u> is always difficult, but as the students knew me before it was not so difficult. This report is also different from the others because I am describing my own class and not a <u>colleague’s</u> class, even being as a substitute.
	05		
	06		
	07		

Ele mantém esta posição ao longo do parágrafo através da coesão na escolha do léxico que está utilizando (Hoey, 1991). Ao fazer uso das palavras “*friend*” e “*colleague*” em oposição à expressão “*the students*”, Alexandre parece estar querendo deixar claro que naquela interação havia dois grupos sendo confrontados; o grupo de professores representados em seu discurso por ele e pela Danielle, e o grupo de alunos, do qual ele faz questão de marcar que, naquele momento, ele não é mais parte. O uso de “*own*”, na linha 6, parece está sendo feito para reforçar seu posicionamento.

No terceiro parágrafo, Alexandre parece sentir a necessidade de reforçar, a todo momento, que ele é parte do grupo de professores e não do grupo de alunos.

Para isto ele faz uso de formas verbais que representam ações que normalmente estão ligadas à atividade docente.

01	08	Alexandre	As it was the class just after she had finished the chapter, I <u>decided to make a review</u> . Since I had already had contact with the class I knew their difficulties and I could work with them. In this review I <u>prepared</u> a game, a kind of tic-tac-toe. The class thought it was funny. All the students had good participation, I <u>tried to speak in English</u> all the time. After this review I <u>worked with a song</u> and <u>asked the students to complete the lyrics</u> as they hear. It was a little difficult for them, but at the end they managed to do that.
	09		
	10		
	11		
	12		
	13		
	14		
	15		

No fragmento acima, podemos identificar vários indícios desta tentativa de se afirmar como parte do grupo de professores. Quando Alexandre se refere à aula, ele faz uso das formas “*prepared*” (linha 10), “*tried*” (linha 12) e “*worked*” (linha 13) todas precedidas da primeira pessoa do singular “I” marcando que era ele quem estava no controle do discurso como o par mais competente.

Ao tentar se afirmar como parte do grupo de professores, encontramos Alexandre construindo sua identidade profissional no discurso e através do discurso. As escolhas lexicais apontadas acima servem de exemplo desta tentativa de afirmação, que pode ser notada desde o primeiro parágrafo do relatório.

01	01	Alexandre	This class was different from the others because Daniele couldn't teach. She was sick, so, there was a substitute teacher (me). The students accepted the teacher well because they already know him.
	02		
	03		

Neste extrato, ao se referir ao professor que substituirá a professora titular da turma, Alexandre utiliza a forma pronominal “*me*” (linha 2), para poder identificar-se. Apesar de tentar ser o mais neutro possível em relação ao relatório sobre a aula que estava sendo relatada, a escolha por esta forma nos dá indício de que este relato não será tão imparcial quanto se esperava. Alexandre tenta ao longo de todo seu discurso se afirmar como parte do grupo de professores do curso, apesar de efetivamente não o ser, visto que, ele estava apenas cumprindo uma tarefa para o curso de TTC, e emergencialmente, foi necessário que ele substituísse a professora. Alexandre só seria contratado como professor do curso no semestre seguinte.

Não só neste extrato de informações podemos notar esta tentativa de afirmação de Alexandre como professor do curso. Na seção que segue, na qual analiso o discurso produzido a partir de uma reflexão sobre o relatório analisado

anteriormente, o meu colaborador de pesquisa continua construindo seu discurso como se fizesse parte do grupo de professores, só que desta vez, não do grupo de professores do curso, e sim como integrante da comunidade de professores.

### 5.3.2

#### “Acho que foi naquela aula que eu realmente me decidi que eu queria ser professor...”

No seguinte extrato, Alexandre já não se posiciona somente como membro do grupo de professores do curso, mas sim, se coloca como membro da categoria profissional de professores assumindo que é isto que ele quer para sua vida. Após Alexandre ler o relatório que ele havia entregue no final do semestre anterior, pedi a ele que refletisse e comentasse sobre o seu discurso contido naquele relatório.

#### Reflexão sobre o Relatório de Estágio

##### Fragmento Único

T	L	PART	FALA
01	01	André	Ah... sei lá... eu lembro um pouco desta aula... eu tava muito nervoso... eu já tava dando aulas mas era só de apoio... para alguns colegas... tá gravando... será que eu liguei direitinho....Eu só tinha dado aulas de apoio eu não sabia bem o que fazer quando a Márcia me pediu para dar aula no lugar da Daniele que ela estava doente. Aí eu pedi a Ida para me dar umas dicas, o Edmar não tava lá... a Ida me deu a idéia de fazer uma revisão e não começar um capítulo novo. Por que isto é bom o professor da turma fazer... não um professor substituto... Eu peguei umas dicas do kids, mas aí tinha o problema da idade... como eu conhecia a turma já eu sabia que se eu fizesse uma coisa muito infantil eles não iam gostar. Aí eu peguei o jogo da Ida e adaptei para o tipo de turma que eu tinha... Foi legal a aula né... eu acho que os alunos gostaram... eles tiraram as dúvidas da lição é... acho que eles me viram mesmo como professor e não como aluno. Eu também me senti como professor... Eu acho que foi a primeira vez que eu me senti assim... eu era o professor da turma naquele dia... eu não tava fazendo uma coisa por que outra pessoa falou... eu preparei a aula eu vi a atividade que melhor atendia as necessidades da turma. Tudo aquilo que a gente vinho discutindo no TTC, só vendo na teoria eu pude colocar em prática pela primeira vez. Eu tava nervoso... muito... mas foi super legal a aula... eu me senti tão bem, tão realizado.... Eh... Acho que foi naquela aula que eu realmente me decidi que eu queria ser professor... Acho que é só isso... acho que tá bom...
	02		
	03		
	04		
	05		
	06		
	07		
	08		
	09		
	10		
	11		
	12		
	13		
	14		
	15		
	16		
	17		
	18		
	19		
	20		
	21		
	22		

**Quadro 8** – Reflexão sobre o Relatório de Estágio

No início deste fragmento podemos notar que Alexandre se posiciona como aluno, visto que ele ao ser convidado a substituir uma professora, procura ajuda de outros professores que tinha tido no passado, “Edmar” (linha 5) e “Ida” (linha 6).

Para ele, o fato de dar aulas de apoio não o torna professor. Em “eu já tava dando aulas mas era só de apoio... pra alguns colegas” (linha 2), Alexandre utiliza a conjunção “mas” para dar a dimensão de que dar aulas de apoio não o torna um professor e sim um aluno um pouco mais competente que estava ajudando alguns colegas. Corroborando esta interpretação está o uso do substantivo “colegas” onde Alexandre está se classificando como membro do grupo de alunos do curso. “Colegas” parece se referir aos alunos para quem Alexandre está dando aulas de apoio. Desta forma, enquanto a ele era pedido apenas para dar aulas de apoio, neste extrato ele parece demonstrar que não se sentia professor. Contudo, ao relatar que foi convidado pela diretora do curso para substituir uma outra professora, em sua cabeça, o enquadre se modifica, ele deixa de se construir como um aluno mais competente e passa a se posicionar como um professor.

O discurso do Alexandre, a partir do momento em que ele menciona o convite para a substituição muda completamente. Ao invés de se alinhar como um par mais competente dentre o grupo de alunos do curso ele passa a se alinhar como o responsável pelas decisões do que a turma é capaz ou não de fazer. A mudança de alinhamento pode ser comprovada através da mudança nas suas escolhas lexicais. O uso da primeira pessoa, “eu” seguida de verbos que expressam ações e decisões como “peguei” (linha 10) e “adaptei” (linha 11) evidenciam ele esta assumindo este posicionamento. Ademais, o fato de ele se colocar como o professor da turma na linha 11, “o tipo de turma que eu tinha”, também parece comprovar este novo posicionamento. Retornando à linha 10 do fragmento analisado, a oposição entre “eu” e “eles” também parece calcar melhor a tese de que Alexandre está se posicionando como professor em contraposição com os alunos referidos como “eles”. Ainda, sobre a oposição entre os dois grupos, alunos e professores, Alexandre continua a fazer isto através da repetição, nas linhas 12 e 13, dos pronomes “eu” em oposição a “eles”. Também nestas mesmas linhas ele vai opor estes dois grupos através do contraste entre os vocábulos “alunos” e “professor”.

Alexandre marca seu posicionamento como professor nas linhas 13 em “eles me viram como professor e não como aluno”. A escolha pelo pronome “eles” para designar o grupo do qual ele não faz parte – alunos – e o uso da forma verbal “viram” seguida do substantivo “professor” nos traz novamente a idéia de tentativa de afirmação dentro do grupo expressando a aprovação do outro grupo.

Hoey (1991) diz que a coesão lexical revela qual posição o indivíduo está assumindo com seu texto, além, é claro, do endereçamento deste. Esta idéia pode ser associada à premissa defendida por Goffman (2002) de que nos posicionamos de acordo com o nosso entendimento da situação em que estamos processando a construção do discurso. Podemos dizer, ainda, que tais escolhas lexicais promovem a coesão e a coerência de nosso discurso.

Outra questão que surge no fragmento analisado é a questão do desenvolvimento de uma consciência reflexiva por parte do professor. O professor reflexivo, de acordo com Allwright (1996), desenvolve uma prática muito mais consciente de seu papel na sociedade e na formação do indivíduo. Alexandre se dá conta que ele, como professor em transição, foi o real agente de sua preparação de aula. No entanto, um olhar bakhtiniano sobre o próximo trecho, nos mostra que ele estava construindo sua aula em relação a seus outros – “as necessidades da turma” (linha 17), “tudo aquilo que a gente vê no TTC” (linha 18) e “a teoria” (linha 18). Alexandre parece estar desenvolvendo esta capacidade de reflexão. Em seu discurso ele sinaliza para esta questão quando diz:

01	15	André	...eu não tava
	16		fazendo uma coisa por que outra pessoa falou... eu preparei a aula eu vi a
	17		atividade que melhor atendia as necessidades da turma. Tudo aquilo que a
	18		gente vinho discutindo no TTC, só vendo na teoria eu pude colocar em
	19		prática pela primeira vez.

As escolhas de léxico feitas neste fragmento nos remetem para a questão da reflexão do profissional em formação sobre as suas primeiras ações pedagógicas. Em uma rede coesiva temos “preparei” (linha 16), “atividade” (linha 17), “melhor” (linha 17), “necessidades” (linha 17) e “turma” (linha 17) formando a conexão de idéias do texto se referindo ao fato do Alexandre não estar desenvolvendo uma atividade sem uma reflexão.

O recorte do discurso do Alexandre analisado acima apresenta uma mudança de posicionamento se comparado com o extrato estudado nas seções 5.1.1 e 5.1.2. Podemos notar que Alexandre constrói um discurso muito mais reflexivo sobre o processo de ensino aprendizagem. Noto neste trecho que Alexandre traz para a construção de seu discurso as vozes dos participantes das interações das quais ele faz parte neste momento – o curso de TTC, os encontros com o grupo de reflexão e os alunos com quem ele está tendo contato. Com o

intuito, então, de tentar compreender um pouco melhor esta mudança no discurso do Alexandre, decidi realizar uma nova entrevista. Para tal, estudei os dados que eu tinha para poder selecionar algum trecho que me permitisse entender melhor como estruturar esta entrevista. Selecionei, a partir deste estudo, um trecho da primeira entrevista feita com o Alexandre e conduzi uma nova entrevista tendo como base reflexões que ele fazia sobre o fragmento selecionado. Apresento na próxima seção os entendimentos que pude construir através da análise desta nova entrevista

### 5.3.3

#### “Fui eu que disse isso mesmo?”

Neste momento da análise pretendo demonstrar como o discurso do meu colaborador de pesquisa vem se modificando através de seu engajamento em diversos contextos interacionais. Desta forma, pretendo reforçar a idéia defendida no capítulo de orientação teórica de que a nossa identidade social é construída, desconstruída e reconstruída em discurso, através da interação entre os diversos participantes do contexto interacional. Percebo, ao longo desta pesquisa, como Alexandre reformula seu conceito do que é ser professor. No momento que será analisado nesta seção, me concentrarei na questão do Curso de Letras representar ou não um fator decisivo para a formação do professor, bem como retomarei também a questão dos modelos, já discutida anteriormente nesta análise. Apresento, a seguir, o fragmento que será analisado nesta seção.

#### Entrevista dia 28/08/2004

#### Fragmento 1

T	L	PART	FALA
01	01	Edmar	Vamos fazer igual da outra vez tá... é ... você lê e depois comenta
ALEXANDRE LÊ A PASSAGEM DURANTE ALGUNS MINUTOS			
02	02	Alexandre	Fui eu que disse isso mesmo? [RISOS]
03	03	Edmar	È o que tá parecendo... quer ouvir a fita...
04	04	Alexandre	Não... [RISOS] é que aqui parece tão bobo o que eu disse...
05	05	Edmar	Como assim?
06	06	Alexandre	Não... é... que... eu acho que pra ser professor tem... é mais do que só...é... copiar alguém. Você tem que é criar a sua própria identidade como a Sandra disse...é...
07	07		
07	09	Edmar	Quem é Sandra?
08	10	Alexandre	Ah ...ela é professora da faculdade... de...

09	11	Edmar	De que?
10	12	Alexandre	De didática... a gente tava falado na aula passada de... disso mesmo... é... de que o professor tem que ter uma consciência crítica sobre o que está fazendo... é... num é só por que o colega fez e deu certo que ele vai fazer igual... ele tem que avaliar várias coisas...
11	16	Edmar	Como o que?
12	17	Alexandre	Tem que olhar para sua própria turma... ver o que ela precisa... se aquela atividade serve para aqueles alunos... saber o objetivo da atividade e não só repetir o colega... por... por que isso não dá certo.
13	20	Edmar	É...
14	21	Alexandre	É a gente só aprende estas coisas na faculdade, num curso de formação de professores... é... por que lá a gente tem discussão sobre isto, para a gente desenvolver esta consciência crítica. Eu acho que todo professor tem que fazer um curso de formação de professor... não só saber falar inglês... isso não é o suficiente... sabe... na aula de metodologia do TTC... né... a gente sempre fala isso... né... em metodologia né... o importante é que o professor faça o seu próprio caminho e não só copie um colega.

**Quadro 9** – Fragmento 1 da entrevista do dia 28/08/2004

A mudança do discurso do Alexandre pode ser notada desde o início da entrevista. Ao pedir para que ele lesse o fragmento<sup>28</sup> da transcrição da primeira entrevista e refletisse sobre o seu discurso, o primeiro comentário que ele faz é: “Fui eu que disse isso mesmo? [RISOS]” (linha 2). Noto que neste segmento, Alexandre se posiciona de maneira a discordar de seu discurso anterior. O uso em tom jocoso de uma interrogativa em primeira pessoa faz com que nós percebamos esta pergunta como uma retórica de negação, isto é ao se perguntar, ou me perguntar se ele havia dado aquela declaração, Alexandre parecia estar negando o seu discurso anterior; ele está sinalizando que os seus conceitos foram ou estão sendo reformulados. Alexandre segue com o mesmo tom durante esta primeira fase da entrevista na tentativa de desdizer o que havia dito sem se tornar incoerente. Na linha 04, ele utiliza o vocábulo “bobo” para classificar a sua fala anterior, novamente ele o faz em tom de humor na tentativa de suavizar a sua discordância.

Prosseguindo no mesmo fragmento, Alexandre começa a citar os novos contextos interacionais que ele está se engajando como justificativa desta mudança em seu discurso. Em:

<sup>28</sup> A transcrição do fragmento utilizado como base para o desenvolvimento desta entrevista encontra-se no anexo 3 desta dissertação.

06	06 07 08	Alexandre	Não... é... que... eu acho que pra ser professor tem... é mais do que só...é... copiar alguém. Você tem que é criar a sua própria identidade como a Sandra disse...é...
07	09	Edmar	Quem é Sandra?
08	10	Alexandre	Ah ...ela é professora da faculdade... de...
09	11	Edmar	De que?
10	12 13 14 15	Alexandre	De didática... a gente tava falado na aula passada de... disso mesmo... é... de que o professor tem que ter uma consciência crítica sobre o que está fazendo... é... num é só por que o colega fez e deu certo que ele vai fazer igual... ele tem que avaliar várias coisas...

Alexandre parece responsabilizar Sandra por esta mudança em sua fala, quando ele ao afirmar que o professor tem que desenvolver a sua própria identidade, diz que estas palavras não são dele e sim da professora. A escolha de Alexandre em associar a sua mudança de discurso com a Sandra vem corroborar a idéia defendida por Bakhtin (1981) de que o nosso discurso é sempre influenciado pelo discurso do outro. Alexandre se apropria do discurso de Sandra para poder construir a sua própria identidade como professor mais consciente e reflexivo. Em outro momento neste mesmo fragmento, Alexandre também responsabiliza o curso de TTC por esta mudança em seu discurso. Nas linhas 25, 26 e 27, quando se refere à aula de metodologia do TTC, ele afirma que nestas aulas é incentivada a reflexão.

Além de tentar justificar que fatores seriam responsáveis por sua mudança de discurso, Alexandre também parece estar tentando explicar o seu novo posicionamento perante o processo de ensino/aprendizagem. Alexandre parece se alinhar com Allwright e Bailey (1991) ao dizer que o professor tem que ter consciência crítica sobre o que ele/ela está fazendo na sala de aula. O uso das palavras “consciência” e “crítica” (linha 13) está conectado com sua fala seguinte quando ele diz que o professor “tem que olhar para a sua própria turma” (linha 17). As escolhas lexicais feitas por ele neste segmento de fala sempre nos remetem a idéia da reflexão. As palavras “crítica”, “consciência”, “avaliar”, “olhar” e “objetivo da atividade” formam uma rede coesiva que o posiciona de forma reflexiva sobre o que é ser professor. Ao se posicionar criticamente perante a sala de aula, Alexandre está desconstruindo a questão dos modelos apresentada no seu discurso anterior. Agora, ser professor para ele representa muito mais do que simplesmente copiar um outro professor. Ser professor para ele, neste momento é ser reflexivo, é avaliar as necessidades da turma e não aplicar

atividades que deram certo com outras turmas e desenvolvidas por outros colegas. A postura crítica adotada por Alexandre, me levou a questioná-lo sobre o conceito de modelo e inspiração. No segundo fragmento desta entrevista são discutidos estes dois conceitos. Durante a análise proposta para este segmento não utilizo nenhuma teoria sobre modelo e inspiração, o que faço é traçar um entendimento baseando-me no discurso proferido por Alexandre. Analisemos, então, o fragmento abaixo:

### Entrevista dia 28/08/2004

#### Fragmento 2

T	L	PART	FALA
15	28 29	Edmar	Mas a gente sempre tem uma pessoa que nos inspira, por exemplo, a minha inspiração foi a Márcia... por causa dela que eu virei professor.
16	30 31 32 33 34	Alexandre	É... (...) é... claro que a gente tem uma inspiração... você sabe que a minha inspiração é você e a Rosana... mas só por isso eu vou ser um professor igual a vocês... não né... claro que eu quero ter o mesmo conhecimento que vocês para isso eu tou estudando, terminando o TTC e fazendo faculdade. Mas você não é igual a Márcia ...e... ela é sua inspiração...
17	35	Edmar	É claro...
18	36 37 38 39	Alexandre	É cada um tem a sua identidade... o seu jeito de dar aula... é... a sua postura. Como você tá pesquisando, né, cada um constrói a sua identidade de forma diferente. Eu via você como um modelo pra mim [ININT] agora eu vejo você como uma inspiração.
19	40	Edmar	Qual a diferença entre modelo e inspiração?
20	41 42 43 44 45	Alexandre	É que modelo é o que deve ser Seguido e inspiração é como uma motivação. Motivação para estudar... pra aprender... eu quero ter o seu conhecimento mas eu não quero ser você...é... quero estudar...aprender e fazer do meu trabalho uma carreira... fazer aquilo que eu gosto... com prazer... assim igual... é... você.
21	46	Edmar	Então você mudou de opinião?
22	47 48 49 50 51 52	Alexandre	Quando eu falei aquilo eu nem estudava no TTC... agora eu sou professor... eu tenho responsabilidade com meus alunos... eu quero que eles aprendam da melhor forma possível... por isso eu fui para FACULDADE. Eu sei que lá eu não vou aprender a dar aula... vou ter é... discussão sobre a nossa profissão... é ... todo mundo que tá lá quer ser professor... ou... já é... então a gente vai pensar muito sobre o que é ensinar.

**Quadro 10** – Fragmento 2 da entrevista do dia 28/08/2004

Neste fragmento, Alexandre constrói o seu discurso tentando, baseado em sua vivência e crenças, definir o que ele entende por modelo e inspiração. Quando eu inicio a interação falando de minha inspiração, Alexandre a utiliza com um gatilho para poder definir o que ele entende por inspiração. Para ele inspiração representa aquela pessoa que te incentiva. Na linha 31, ele deixa claro que teve duas inspirações para se tornar professor, “eu” e a “Rosana”. No mesmo segmento, Alexandre começa a definir o que ele entende por inspiração. Através

de exemplos, ele tenta explicar o seu posicionamento afirmando que não quer copiar nem a mim nem a Rosana, mas sim, quer estudar da mesma forma que nós estudamos para ter o conhecimento que ele percebe e admira em nós. Retomando a questão discutida na nas seções 5.2.1 e 5.2.2 desta análise, Alexandre traz para o seu discurso a crença de que o professor é aquele que tem o conhecimento e ele deseja tê-lo também. Na linha 32, o uso do vocábulo “conhecimento” denota esta visão. E mais ainda, ao construir a sua sentença com o verbo querer em “eu quero ter o mesmo conhecimento” (linha 32), Alexandre constrói o seu discurso baseado nesta crença. Contudo, ter o conhecimento de uma determinada pessoa não implica ser igual àquela pessoa, como ele próprio diz nas linhas 31 e 32.

Continuando a definir o significado de “inspiração”, Alexandre introduz, pela primeira vez em seu discurso, o termo “identidade”. Ele propõe que a identidade do indivíduo é única e que cada um a constrói de forma diferente. Neste instante ele propõe a diferenciação clara entre modelo e inspiração. Ao dizer: “Eu via você como um modelo para mim [ININT] agora eu vejo você como uma inspiração” (linhas 38 e 39), a construção opositiva entre os vocábulos “modelo” e “inspiração” nos dá pista de como o Alexandre está querendo se posicionar perante estes dois conceitos. Para ele, estes conceitos representam construtos opostos. Enquanto o primeiro representa um modelo a ser seguido, o segundo será uma motivação, como ele afirma no trecho seguinte:

20	41	Alexandre	È que modelo é o que deve ser Seguido e inspiração é como uma motivação. Motivação para estudar... pra aprender... eu quero ter o seu conhecimento mas eu não quero ser você...é... quero estudar...aprender e fazer do meu trabalho uma carreira... fazer aquilo que eu gosto... com prazer... assim igual... é... você.
	42		
	43		
	44		
	45		

O vocábulo “modelo” está interligado com “seguido”, ambos na linha 41. Da mesma forma que “inspiração” se relaciona com “motivação” (linhas 41 e 42). Desta forma, Alexandre constrói seu discurso opondo estes dois conceitos, com base nas experiências que ele tem vivenciado nos diversos contextos interacionais em que ele se engaja. Ao ser questionado sobre sua mudança de opinião, na linha 46, Alexandre retoma a idéia de que a mudança em seu discurso se deve aos contextos interacionais de que ele está fazendo parte, como pode ser notado no segmento abaixo:

21	46	Edmar	Então você mudou de opinião?
22	47	Alexandre	Quando eu falei aquilo eu nem estudava no TTC... agora eu sou professor...
	48		eu tenho responsabilidade com meus alunos... eu quero que eles aprendam
	49		da melhor forma possível... por isso eu fui para FACULDADE. Eu sei que
	50		lá eu não vou aprender a dar aula... vou ter é... discussão sobre a nossa
	51		profissão... é ... todo mundo que tá lá quer ser professor... ou... já é... então
	52		a gente vai pensar muito sobre o que é ensinar.

Alexandre se posiciona como integrante de três contextos interacionais diferentes, porém relacionados. Ao se posicionar como aluno do TTC, professor de inglês e aluno do Curso de Letras, ele está admitindo que a sua identidade profissional representa, como diz Moita Lopes (2002), um construto resultante das diversas experiências vividas e ainda que este construto está em constante processo de mudança. Na linha 47, Alexandre deixa clara esta idéia ao dizer que ele “nem estudava no TTC”. Assim sendo, “TTC”, “Professor” e “Faculdade” formam uma rede coesiva, que se refere aos contextos dos quais Alexandre está fazendo parte, para justificar a mudança de discurso que Alexandre vem sofrendo ao longo deste período.

Outra questão levantada durante esta entrevista foi a importância do Curso de Letras no processo de formação do professor. Em sua primeira entrevista, Alexandre afirmou que a faculdade não representava um fator decisivo para a formação do professor. Naquele momento o mais importante era o futuro professor “ter tido bons professores”, professores que ele “pudesse copiar”<sup>29</sup>. Contudo, no trecho que segue esta questão é analisada de outra forma pelo meu colaborador de pesquisa.

### Entrevista dia 28/08/2004

#### Fragmento 3

T	L	PART	FALA
23	53	Edmar	Você disse que tanto o TTC como a Faculdade estão te ensinando muito,
	54		se eu pedisse para você classificar qual o mais importante qual você diria?
24	55	Alexandre	Mas importante é a faculdade... é...por que lá eu vou sair com um diploma
	56		de nível superior. Mas em relação a conhecimento e experiência de sala de
	57		aula eu acho que o TTC tem me ensinado mais até agora. Não sei... eu to
	58		só no início da faculdade... aqui no curso a gente vê coisas práticas a gente
	59		lida com alunos... vê os problemas que cada turma tem e que cada uma
	60		turma é única... é... lá na faculdade, por enquanto, só dá teoria e discussão,
	61		aqui a gente vê a teoria e a prática ao mesmo tempo... A gente observou
	62		aulas, eu comecei a dar aulas... tá sendo muito legal... eu to realmente
	63		vendo que esta é a profissão que eu quero seguir.

Quadro 11 – Fragmento 3 da entrevista do dia 28/08/2004

Neste fragmento, Alexandre se posiciona de forma totalmente diferente do que ele havia se posicionado no início da pesquisa, quando o Curso de Letras não representava um fator decisivo para a formação de Alexandre como professor de inglês. Contudo, no extrato acima, cerca de um ano após a primeira entrevista, a noção de importância do Curso de Letras teve uma grande mudança no discurso do Alexandre. De acordo com o seu discurso neste momento, fazer Letras é de grande importância para a formação teórica do professor de línguas. Pois é no Curso de Letras que se discutem as teorias sobre o ensino.

Entretanto, no que tange à experiência de sala de aula, Alexandre explicita em seu discurso que o curso de TTC tem sido muito mais proveitoso do que a faculdade. A faculdade para ele, até este momento, tem dado maior ênfase às questões teóricas do que às questões práticas de sala de aula. As escolhas lexicais feitas por Alexandre parecem comprovar esta mudança de posicionamento. A relação entre o Curso de Letras e a formação teórica do professor é estabelecida na linha 60 através do uso dos vocábulos “faculdade”, “teoria” e “discussão”. No entanto, para Alexandre esta teoria é importante mas não suficiente. Para ele o curso de TTC tem uma representação prática muito mais importante do que o Curso de Letras. Em “Mas em relação a conhecimento e experiência de sala de aula eu acho que o TTC tem me ensinado mais até agora” (linhas 56 e 57) . As palavras “conhecimento”, “experiência” e “sala de aula” indicam dimensão prática que o TTC tem para o Alexandre. Ainda, vemos nesta fala de Alexandre que, apesar de ser importante, o Curso de Letras, por enquanto tem apenas o ajudado teoricamente, como podemos notar em outros momentos desta entrevista.

Ao final da entrevista, retomo a questão do desenvolvimento da consciência crítico reflexiva do professor. Ainda no primeiro semestre de 2004, Alexandre começou a freqüentar o grupo de reflexão do qual alguns professores do curso fazem parte. Então decidi perguntar-lhe sobre esta experiência. No fragmento final desta entrevista temos uma pequena reflexão do Alexandre sobre este tema:

---

<sup>29</sup> Os termos grifados neste parágrafo são extratos da entrevista realizada no dia 26 de novembro de 2003, no início desta pesquisa.

**Entrevista dia 28/08/2004****Fragmento 4**

<b>T</b>	<b>L</b>	<b>PART</b>	<b>FALA</b>
25	64 65	Edmar	Você agora também tá freqüentando o nosso grupo de estudos com a Isabel, o que você acha disso?
26	66 67 68	Alexandre	É muito legal... a gente aprende muito com ela... e com os outros colegas, né... eu acho que qualquer troca é sempre bem vinda. Como a Isabel diz a gente tem sempre algo para ensinar e aprender com alguém...
27	69 70 71	Edmar	É mesmo, por exemplo, eu to aprendendo muito com você desde que eu comecei esta pesquisa, como a gente, professor, influencia o nosso aluno, né.
28	72 73	Alexandre	Isso é verdade eu nunca tinha pensado em fazer Letras antes de estudar com você.

**Quadro 12** – Fragmento 4 da entrevista do dia 28/08/2004

Neste fragmento vemos a voz do Alexandre construir um discurso baseado na questão da interação. Nas linhas 67 e 68, quando ele diz: “Como a Isabel diz a gente tem sempre algo para ensinar e aprender com alguém...”, o discurso de Alexandre reflete a questão defendida por Moita Lopes (2002) de que a identidade social, seja ela profissional ou pessoal, é construída através em discurso através da interação entre os participantes. De acordo com este princípio, Alexandre se posiciona não como aluno, e sim com um participante ativo deste contexto interacional. A escolha pelo uso dos vocábulos “ensinar” e “aprender” (linha 68) reflete bem qual posicionamento que Alexandre está construindo nesta interação. Notamos, pela construção de seu discurso, que ele se enquadra como um igual e não como o meu aluno, isto é, neste momento ele parece se sentir parte de um grupo. Para provar a minha percepção quanto a este entendimento aponto o uso da expressão “a gente” (linha 68)

Contudo, ainda neste fragmento, Alexandre, apesar de construir um discurso se enquadrando como um igual a mim e aos outros participantes do grupo de reflexão, parece manter também algumas características relativas a sua identidade como aluno. Quando ele se posiciona, nas linhas 72 e 73, parece estar deixando bem claro que a relação entre mim e ele é uma relação de professor/aluno, “Isso é verdade eu nunca tinha pensado em fazer Letras antes de estudar com você.” Alexandre posiciona-se nesta fala como o aluno que sofre grande influência do professor para suas escolhas da vida. Entretanto, esta influência é vista pelo Alexandre como consciente e reflexiva, pois ao dizer “eu nunca tinha pensado em fazer Letras antes de estudar com você”, seu posicionamento denota a relação existente entre o pesquisador e o colaborador de pesquisa.

Como disse anteriormente, este momento da pesquisa tenta descrever como Alexandre passa a construir-se como professor ao longo do desenvolvimento deste estudo. Toda esta mudança de posicionamento, em uma esfera macro, vem corroborar o conceito de identidade utilizado neste trabalho. A identidade de Alexandre não está ‘pronta’. A cada contexto interacional em que ele se insere, novos conceitos são criados e/ou velhos conceitos são reformulados. Dutra (2003) afirma que em cada interação que nós nos engajamos parte de nossa identidade é construída. Assim, posso, talvez criar uma metáfora para esta situação das identidades e estabelecer que a identidade social é um quebra cabeça sem fim e sem uma imagem definida e que cada participante das interações nas quais nos engajamos ao longo da vida constrói uma peça diferente em um local diferente.

Para Moita Lopes (2002) e Kleiman (2003), as identidades sociais são fragmentos de toda a vivência que um indivíduo tem ao longo de sua existência. Alexandre, desta forma, constrói o seu discurso de professor calcando-se nestes princípios. Parece que, para ele, não só o aprendizado e o conhecimento são construídos de forma mútua, como aponta Vygotsky (1994), mas também a identidade. Por isto, ele vê o aprendizado de seus alunos, bem como o seu próprio, como um processo de troca. Noto, ao comparar com o primeiro momento analisado nesta pesquisa, que Alexandre constrói um discurso crítico sobre a questão do que é ser professor. No primeiro momento, ser professor era ter conhecimento para transmitir para o seu aluno. Porém ao se engajar em práticas discursivas voltadas para a formação do professor (TTC , o Curso de Letras e o grupo de reflexão), Alexandre começa a construir um discurso muito mais reflexivo e o conhecimento, que antes era visto como se pudesse ser transmitido e adquirido, recebe o status de construto sócio-construído.

No próximo momento da análise que vem sendo desenvolvida nesta pesquisa, proponho o entendimento de como o meu aluno-professor e colaborador de pesquisa constrói um novo discurso. Retomo, para embasar a minha análise, a questão de modelo e inspiração.

## 5.4

### Construindo um novo discurso: professor espelho ou inspiração

Na terceira parte desta análise retomo a questão de modelos, visando problematizar o que é modelo e o que é inspiração. Para isto, analiso extratos de 3 fontes de dados distintas: (i) entrevista com a professora de Didática do Curso de Letras em que o Alexandre estuda; (ii) entrevista com o Alexandre sobre a ementa e as aulas de didática; (iii) entrevista com o Alexandre fazendo uma avaliação sobre seu processo de construção profissional, tentando investigar como ele avalia a importância de cada contexto em que ele estava inserido.

Nesta etapa de pesquisa, tento começar a fazer algumas asserções acerca dos entendimentos que eu tenho tentado estabelecer ao longo desta dissertação. Para tal, reli todos os dados já analisados para poder então traçar novas diretrizes para meu processo interpretativo. Durante a entrevista 3 do dia 28 de agosto de 2004, Alexandre menciona alguns fatos e discussões que estavam acontecendo durante as aulas de Didática na Faculdade. Como ele se refere a uma professora específica, Sandra Fazenda, decidi, então, começar esta nova etapa fazendo uma entrevista com ela para poder tentar entender como suas aulas, de uma certa forma, dialogam com o discurso do meu colaborador e, conseqüentemente, com a construção de sua identidade como professor. Abaixo destaco o trecho que vou utilizar para fazer uma breve análise da ementa do curso de Didática. Durante esta mesma seção, traço uma ponte entre a voz da professora e a voz do aluno contida em trechos selecionados da entrevista do dia 23 de outubro de 2004.

#### 5.4.1

#### **“Porque a gente não é só professor... somos é... é... é... educadores... humanizadores...”**

Conforme colocado até o momento, a construção da identidade profissional de Alexandre está acontecendo nos diferentes contextos interacionais dos quais ele vem participando. Tenho podido notar a mudança do discurso de Alexandre ao longo do ano e meio desta pesquisa e do seu desenvolvimento como professor. No início deste estudo, o discurso de Alexandre trazia em sua base a questão de que ser professor era seguir um modelo idealizado, contudo, a medida que Alexandre

se engajava em diferentes práticas discursivas, os seus conceitos sobre o que é ser professor foram sendo desconstruídos e reconstruídos com novas concepções acerca da natureza da profissão. Ao traçar uma análise contrastiva de seu discurso podemos compreender como Alexandre está construindo a sua identidade de professor. Nesta seção, comparo dois discursos distintos: o discurso da professora de didática, Sandra Fazenda, sobre a abordagem que ela adota em sua disciplina e o discurso do Alexandre, em entrevista realizada após a entrevista com a professora.

De acordo com a professora Sandra Fazenda, o curso de Didática tem uma abordagem muito reflexiva, isto é, ela traz para a sala de aula questões relativas ao desenvolvimento de uma consciência crítico-reflexiva para o professor. Durante a entrevista, para poder caracterizar o cunho reflexivo que ela tenta implementar em suas aulas, a professora ressalta toda a sua formação acadêmica, como podemos notar no fragmento abaixo:

### Entrevista dia 08/10/2004

#### Fragmento 1

T	L	PART	FALA
01	01 02	Sandra	Bom a minha formação, eu já a te expliquei a eles, que eu gosto muito de conversar sobre esta questão da formação, né... no início do curso.
02	03	Edmar	Ahm, ahm.
03	04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29	Sandra	Então eu fiz o curso normal...depois eu fiz... dei aula de 1ª à 4ª série, né... depois eu fiz, faculdade... de... CIÊNCIAS SOCIAIS, por que era SOCIOLOGIA... mais aí com o golpe militar... quem tava na Faculdade de SOCIOLOGIA teve que sair com o DIPLOMA de CIÊNCIAS SOCIAIS... depois eu... trabalhei em pesquisas na área de sociologia... depois retornei ao ensino médio... dando aula de SOCIOLOGIA... Então dei aula de sociologia no ensino medi uns vinte tantos anos... quase trinta anos [...]. Depois eu fiz faculdade de psicologia... né, pra...pra. complementar a minha formação... então eu sou PSICÓLOGA, apesar deu... atuar no ENSINO as pessoas pensam que eu sou psicóloga escolar... mas não sou [RISOS] eu sou PSICÓLOGA CLÍNICA... então aí tem essa confusão. <u>Eu sempre falo pros alunos também que eu não sou formada em Pedagogia... por que a grande maioria dos profissionais que trabalham em Letras e formação de professores tem uma formação mesmo na área de Letras ou Pedagogia... né... então eu explico pra eles... que eu tenho outras leituras né... do... assim desta questão da Pedagogia, então não é aquela leitura dentro da visão do pedagogo mesmo né... dentro daquela visão que é formada em Letras. Eu acho interessante construir isso pro aluno, até pra você fazer a sua linha de tempo, pra você falar para ele de como você CONSTRUIU o seu conhecimento, né</u> Então... depois eu fiz várias pós graduação... tanto na área de...de sociologia como na... na área de psicologia [...] Depois eu partir para o MESTRADO então eu terminei o mestrado em ciências pedagógicas e... e... Quando saí do mestrado a minha orientadora tinha uma linha de pesquisa... no ISEP e eu fiquei então nessa linha de pesquisa e eu tou lá até hoje... que a questão da transversalidade... então esta questão da transversalidade dentro do Morin...por que a gente

30		realmente tem esta questão, e eu já falei até com eles sobre esta questão da complexidade no Morin [...] Aqui na UNIG eu já dei aula em algumas,... é ... substituindo professores, mas não assim é efetivamente como estou este semestre... então eu fui convidada pra dá aula em Pedagogia... pra mim foi até surpresa... por que a minha formação não é em Pedagogia nem em Letras.
31		
32		
33		
34		
35		

**Quadro 13** - Fragmento 1 da entrevista com a professora de didática dia 08/10/2004

A professora constrói a sua identidade profissional deixando sempre bem claro que sua formação acadêmica não é a área de Letras como podemos notar no trecho destacado das linhas 14 até a 23.

Neste trecho, o discurso que a professora constrói parece mostrar como a ela percebe, e espera que os alunos percebam, a questão de sua formação acadêmica não ser nem na área de Letras e nem na Pedagogia. Se analisarmos as escolhas lexicais feitas por ela nesta fala para definir a sua formação, notaremos que Sandra tenta sinalizar que sua formação acadêmica fora das áreas que, tradicionalmente, estariam ligadas ao ensino pode trazer uma contribuição de suma importância para os alunos de Didática. Nas linhas 24, 25 e 26, quando ela aborda esta questão, ela utiliza a repetição dos termos leitura e visão para poder se posicionar dentro de uma racionalidade crítica quanto aos conceitos da Pedagogia. Para ela, a visão tradicional de Pedagogia e de Letras parece se apresentar de uma forma muito plana, enquanto o seu olhar mais amplo representaria um fator muito mais interessante para o aluno. Podemos associar este posicionamento da Sandra dentro da perspectiva interdisciplinar defendida por Moita Lopes (1996), segundo a qual, o profissional da linguagem deveria ter uma visão ampla sobre os problemas de uso da linguagem e esta visão não estaria somente calcada em áreas concernentes à língua e ao ensino e sim deveria tomar por base qualquer disciplina que pudesse abranger relações interacionais. Esta perspectiva interdisciplinar alinha-se a Cavalcanti e Moita Lopes (1991), quando fala que a sala de aula de línguas é um contexto interacional diverso e que para entendê-la é necessário que se faça uma leitura de diversos ângulos tomando como base diversas disciplinas. Assim sendo, Sandra constrói desde o início da entrevista uma visão crítica sobre o papel das aulas de didática. Ele deixa claro neste trecho da entrevista que não pretende fazer uma leitura tradicional da ementa do curso. Ainda, outra questão que ela aborda, neste pequeno extrato, diz respeito ao conhecimento. Notamos que na linha 23 ela parece construir a visão de que o conhecimento é negociado e não transmitido. O vocábulo “construiu”, realizado em um tom de voz mais elevado,

nos faz entender que para ela o indivíduo constrói seu conhecimento através das diversas práticas discursivas em que ele se engaja.

A perspectiva construcionista que a professora tem do conhecimento faz com que ela pareça construir sua identidade como uma professora reflexiva, preocupada com a formação da consciência crítico-reflexiva de seus alunos. Sandra afirma que isto se deve ao fato de ela ter uma formação acadêmica interdisciplinar, deixando bem claro que ela está na área de Educação por ideologia. Em uma linha temporal, Sandra constrói uma retrospectiva de sua formação acadêmica. Apesar de iniciar o seu discurso dizendo que ela foi professora do primeiro ciclo do ensino fundamental (linha 1), ela enfatiza muito mais a sua formação e experiência profissional a partir de seu ingresso na universidade. Podemos notar esta ênfase através da entonação de sua voz que ressalta os vocábulos SOCIOLOGIA, CIÊNCIAS SOCIAIS, PSICOLOGIA, MESTRADO, traçando uma linha cronológica que vai desde seu ingresso na universidade até a conclusão de seu mestrado. Parece-me que ela esteja, com isso, tentando demonstrar ou justificar o cunho interdisciplinar que ela tenta levar para a sua sala de aula, apesar dela parecer fazer uma representação controversa a respeito do aspecto transversal de sua formação acadêmica.

Desta forma, se contrastarmos o discurso da professora Sandra Fazenda com o de meu aluno-colaborador de pesquisa, notaremos que o discurso do Alexandre é construído a partir das práticas interativas em que ele se engaja durante as aulas. O fato da professora ter uma visão interdisciplinar e reflexiva sobre o processo de ensino/aprendizagem faz com que Alexandre traga para seu discurso a fala de sua professora, como podemos notar no fragmento da entrevista abaixo:

### Entrevista dia 18/10/2004

#### Fragmento Único

T	L	PART	FALA
01	01 02 03	Edmar	Eu conversei com a Sandra e ela me falou muito sobre as aulas de didática, eu queria agora que você refletisse um pouco e me dissesse como você vê estas aulas, se elas são importantes pra você.
02	04 05	Alexandre	Bem...eh...eh... as aulas da Sandra são muito legais, a gente aprende várias coisas...
03	06	Edmar	Legal... como? O que vocês fazem durante as aulas?
04	07 08 09 10 11	Alexandre	Ah... sei lá... a gente discute muito... sobre a sala de aula... a Sandra não traz nada pronto para sala... ela quer ouvir o que a gente tem a dizer sobre ... o que a gente sabe da sala de aula... A gente não fica discutindo como dar aulas... a gente tenta... é... é... é... quer entender a sala de aula. Ver o que a gente pode fazer para que os alunos aprendam melhor... não só

	12		aprender a matéria... aprender a vida... por que a gente não é só professor... somos é... é... educadores... humanizadores...
05	14	Edmar	O que é um professor humanizador?
06	15	Alexandre	É ... sei lá... é aquele professor que dá voz pro aluno... não aquele que só transmite a matéria.... não... aquele que também leva em consideração na... aula... é... o que o aluno tem pra contribuir... né... por exemplo ... é... eu sempre deixo os meus alunos dar a opinião deles... né... sobre a aula... e eles dizem o que pensam... eu gosto dessa relação com os alunos... quando eu era pequeno... meus... é... professores não tinham... faziam isso... aqui no curso não... é... aqui vocês sempre ficavam preocupados com a nossa opinião... mas na escola... eu acho que a gente tem que ser <u>reflexivo</u> ... aprender com os alunos... igual a propaganda da Fiat... tá na hora da gente <u>rever nossos conceitos</u> ... nós temos que ver que nós não sabemos tudo e... que... é... <u>a gente pode aprender muito com nossos alunos</u> . Eu aprendo muito com você e é... você também disse que aprendeu muito comigo nesta pesquisa.

**Quadro 14** – Fragmento único da entrevista do dia 18/10/2004

Durante esta entrevista, Alexandre expressa a sua opinião sobre as aulas de didática, estabelecendo o quanto estas aulas tem sido importantes para seu processo de construção como professor. Em um exame das escolhas lexicais que Alexandre faz nesta entrevista, percebo que seu discurso é construído de forma reflexiva, tendo como base as discussões conduzidas pela professora Sandra durante as aulas de didáticas. Isto pode ser evidenciado pelo fato dele utilizar, em alguns momentos, o mesmo vocabulário utilizado por ela na entrevista. Nas linhas 12 e 13, Alexandre introduz em seu discurso o conceito de “professor humanizador”, tal termo já havia sido utilizado pela Sandra como podemos ver na linha 02 do quadro 15:

### Entrevista dia 08/10/2004

#### Fragmento 2

T	L	PART	FALA
01	01	Sandra	A minha intenção... tanto aqui na Pedagogia com em...em ... Letras é tentar fazer um resgate desse <u>professor</u> ... é... é... <u>humanizador</u> ... <u>professor reflexivo</u> ... professor que veja o aluno... assim também... o seu <u>aspecto social</u> ... professor <u>não é</u> aquela coisa <u>mecânica</u> ... de ser professor... você entrar...
02	06	Edmar	na aula
03	07	Sandra	É... e estabelecer aquela distância. Eu acho que o professor ele é um elemento de <u>integração</u> com seus alunos... porque se não for assim as coisas não acontecem... né... até no primeiro dia eu... vamos desconstruir... tanto que eu não gosto muito de ficar neste lugar aqui [SE REFERINDO À MESA DO PROFESSOR QUE ESTÁ DISPOSTA NA FRENTE DA SALA] que eu acho que é de poder... Geralmente eu sento com eles... a gente abre roda. Lá na turma do Alexandre, normalmente quando eu chego, eles já até sabem e ficam dispostos em círculo... e... tá sendo uma grata surpresa para mim... né... eles estarem trazendo algumas questões... e até de confiar... trazer outras questões deles e colocar em sala e a gente discute...

	17		então a ... minha ORIENTAÇÃO na verdade esta fazer uma OUTRA
	18		CONSTRUÇÃO... sabe... desconstruindo algumas...
04	19	Edmar	Desconstruindo o tradicional e construindo
	20		um reflexivo..

**Quadro 15** – Fragmento 2 da entrevista com a professora de didática dia 08/10/2004

Outra questão que pode ser percebida tanto no discurso construído pelo Alexandre quanto no da Sandra diz respeito ao posicionamento de professor perante a turma. Em seu discurso, para ilustrar a sua proximidade com os alunos, Sandra descreve como organiza o espaço físico de sala de aula. Ela utiliza os vocábulos “roda” (linha 13) e círculo (linha 14) para descrever a disposição das carteiras. Desta forma, ela parece estar querendo passar a idéia de troca com os alunos, visto que, a partir do momento que ela “senta com eles” (linha 12) ela esta dando espaço para o aluno negociar a construção de significados com ela. Alexandre também aborda esta questão quando, na linha 18 ele diz: “eu sempre deixo os alunos dar a opinião deles”. O uso das palavras “alunos” e “opinião” evidenciam esta postura de proximidade com os alunos. Contudo, ambos também trazem para seu discurso a noção de poder institucional (Moita Lopes, 2002; Paula, 2003) ao construírem os seu calcado na premissa de que o professor é o par que está em posição de maior poder. Isto pode ser notado no discurso do Alexandre através do uso da forma verbal “deixo” (linha 18), que demonstra esta relação de poder em sala de aula. Já no discurso de Sandra, o mesmo pode ser percebido ao longo da sua narrativa através das diversas formas de primeira pessoa que ela utiliza para marcar que ela é quem controla a interação, por exemplo, na linha 12 – “eu sento”; na linha 17 – “minha orientação”; etc.

Em suma, através da análise conjunta das entrevistas feitas com a Sandra e o Alexandre, pude perceber de que maneira o meu aluno-colaborador vem construindo a sua identidade profissional em dialogo com o discurso da professora Sandra. O conceito de professor reflexivo (Allwright e Bailey, 1991) está presente em seu discurso de sala de aula. Para ele, é importante que o professor dê chance ao aluno de trazer seus questionamentos para a sala de aula. Desta forma, a construção do conhecimento estará sendo feita de forma conjunta. Alexandre parece construir o seu discurso alinhando-se com Moita Lopes (1996) quando diz que a sala de aula representa um espaço social onde o conhecimento deve ser construído de forma conjunta. Também, pode-se perceber que esta construção identitária do Alexandre está ancorada no discurso construído pela professora de

didática. Tal aceção corrobora, novamente, a visão de Moita Lopes (2002) de que a identidade é um fator social construído em discurso. Por final, pude também entender que, apesar de terem uma visão socio-construtivista das interações de sala de aula, ambos também tem consciência de que este contexto é permeado por relações de poder (Dutra, 2003) e que estas relações nem sempre são definidas em discurso. No caso da sala de aula, há um poder institucional estabelecido que delega a responsabilidade do controle das práticas discursivas ao professor.

Nesta fase de pesquisa, retomo a questão de modelos já discutida no início desta análise. Contudo, neste momento, a perspectiva que Alexandre constrói em seu discurso se apresenta de forma diferente da apresentada anteriormente. Na próxima seção analiso um fragmento da entrevista, conduzida no dia 10 de novembro de 2004, em que ele aborda a problemática do ‘modelo’.

#### **5.4.2**

##### **“Eu quero ser igual a você... assim sem te imitar”**

No início deste processo investigativo, percebi que Alexandre, meu colaborador de pesquisa, parecia construir sua identidade profissional de professor tendo a minha como importante parâmetro. Contudo, este parâmetro, no decorrer de um ano e meio, sofreu algumas mudanças de perspectiva em decorrência da práticas discursivas em que Alexandre estava se engajando. Quando iniciei esta pesquisa, no segundo semestre de 2003, a visão que o aluno Alexandre tinha de minha identidade profissional era de que eu era um “modelo” que ele poderia seguir. Naquela época, a visão que Alexandre tinha da profissão era de que para ser professor bastava “ter tido bons professores”, “professores que você pudesse copiar”. Para ele, eu representava um professor que ele poderia copiar caso viesse a se tornar professor. Entretanto, no decorrer desta pesquisa, a sua perspectiva do que era ser professor mudou drasticamente. Ao invés de ver o professor como um mero reprodutor de teorias e atividades, ele passou a entender que ser professor envolve reflexão, negociação e co-construção de conhecimento (Kleiman, 2002). Com esta mudança de perspectiva em relação a identidade profissional do professor, a idéia de modelo, construída no discurso do Alexandre, também foi desconstruída para, então, ser reconstruída sob uma nova ótica.

No fragmento abaixo, Alexandre começa a construir esta nova visão de modelo que ele está adotando:

### Entrevista do dia 10/11/2004

#### Fragmento 1

T	L	PART	FALA
01	01 02	Edmar	Na outra entrevista você disse que aprendeu muito comigo, o que você quer dizer com isso? O que você aprendeu comigo?
02	03 04 05 06 07	Alexandre	Com você eu <u>aprendi</u> mais do que inglês... né... é... é... eu <u>aprendi</u> o que... é... eu <u>descobri</u> o que eu queria da vida...né... ce pode até achar que eu to puxando saco... mais é <u>pra mim</u> você é mais do que um professor... você virou um amigo... até mais... pai não [RISOS] por que você é muito novo... [RISOS]
03	08	Edmar	Já pensou se eu fosse o teu pai... que pai chato que você ia ter [RISOS]
04	09 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19	Alexandre	Não... ia ser muito é...é...é... legal que eu... pra mim você é o tipo de pessoa... de profissional... que eu quero me tornar... <u>eu quero ser igual a você... assim sem te imitar...</u> mas eu quero ter a sua <u>garra..</u> a sua <u>força...</u> o seu <u>conhecimento...</u> eu quero me <u>espelhar</u> em você... né... você <u>estuda...</u> você <u>trabalha...</u> disse que trabalha desde os 13... é... é ... e sempre estudou fez faculdade... tá fazendo mestrado... sabe... por muito menos eu parei de estudar... assim é... é... eu só voltei a estudar Quando né... só pensei em estudar de novo quando eu comecei a estudar com você... sabe... aquela coisa de identificação... Quando você entra na sala pela primeira vez eu fiquei... assim... quando você começou a dar aula eu disse... pra mim... eu quero ser igual a ele...

**Quadro 16** – Fragmento 1 da entrevista dia 10/11/2004

Alexandre começa este trecho da entrevista posicionando-se como aluno (Goffman, 2002) e, desta forma, posicionando-me como professor. A escolha da forma verbal “aprendi” (linha 3) pode ser percebida como uma pista de contextualização (Gumperz, 2000) fornecida para indicar quais posicionamentos ele quer que sejam entendidos. Ainda dentro deste posicionamento, ele retoma a idéia de professor humanizador, ao afirmar que comigo ele aprendeu/descobriu o que “queria da vida”. Nas linhas 3 e 4, ao utilizar as formas “aprendi” e “descobri” e o vocábulo “vida”, Alexandre está construindo a imagem do professor enquanto agente humanizador discutida nas aulas de didática. Neste momento, ele começa a mudar um pouco o seu posicionamento. Ao dizer “pra mim você é mais do que um professor... você virou amigo” (linhas 5 e 6), ele me posiciona de forma diferente. Ele parece estar querendo sair do enquadre de aluno e professor e construir um enquadre de amigos. Suas escolhas lexicais evidenciam esta mudança de enquadre, a construção comparativa “mais do que” e o vocábulo “amigo” são exemplos deste posicionamento.

Já dentro do novo posicionamento, Alexandre retoma a questão dos modelos. Na linha 10, o uso dos vocábulos “quero”, “ser” e “igual” nos remete à análise feita da primeira entrevista em novembro de 2003. Em um primeiro contraste, Alexandre parece ter a acepção do início da pesquisa. Contudo, se formos um pouco mais à frente no discurso do Alexandre encontraremos a declaração “assim sem te imitar” (linha 11) que eu entendo como um indício de mudança de discurso e de identidade. Ainda, nas linhas 11 e 12, podemos ver o uso de substantivos que indicam boas qualidades se referindo a mim e dizendo que ele gostaria de ter, por exemplo, “garra”, “força” e “conhecimento”. A noção de ‘espelhos’ discutida por Fontana (2000) também é retomada neste fragmento. Na linha 12, Alexandre diz que quer se “espelhar” em mim para construir a sua vida. Novamente ele utiliza uma forma de adjetivação para poder me descrever, só que desta vez com as formas verbais “estuda” e “trabalha” (linhas 12 e 13). Alexandre parece construir uma rede coesiva para me descrever e, também, descrever a relação que ele quer estabelecer entre estas qualidades e a sua vida. Assim sendo, os vocábulos “quero”, “tornar”, “igual”, “sem”, “imitar”, “garra”, “força”, “conhecimento”, “estuda” e “trabalha” parecem estabelecer a coesão e a coerência textual no discurso do Alexandre.

No ultimo trecho desta entrevista, a ser analisado nesta dissertação, Alexandre constrói, novamente, a imagem que ele tem do conceito de modelos. Ele parece igualar este conceito ao de inspiração.

### Entrevista dia 10/11/2004

#### Fragmento 2

T	L	PART	FALA
01	01 02	Edmar	Você disse que quer ser igual a mim mas sem me imitar, o que você quer dizer com isso?
02	03 04 05 06	Alexandre	Ah tá... assim eu te vejo como uma inspiração para mim... eu tenho até vergonha de dizer... mas eu te admiro muito... eu quero... é... seguir os mesmos passos que você... estudar... ter amor pelo que faz... é assim que eu quero me tornar professor e não só te imitar...

**Quadro 17** – Fragmento 2 da entrevista dia 10/11/2004

A retomada da questão de modelos feita no fragmento da entrevista analisado anteriormente é explicada neste fragmento da entrevista. Interpreto que, de acordo com o seu discurso, ‘modelo’ e ‘espelho’ representariam sinônimos de ‘inspiração’. Alexandre explica como ele interpreta o ato de querer ser igual a

mim sem me imitar. Parece que para ele é como se eu representasse os objetivos que ele quer alcançar na vida. O uso da palavra “inspiração” (linha 3) associada às formas verbais “admiro” e “seguir” (linha 4) e ao vocábulo “passos” nos remete a esta idéia de objetivos, como se a minha vida, a minha construção identitária representasse um parâmetro que ele almejasse alcançar.

Na análise desta última entrevista que conduzi com Alexandre, pude entender como ele interpreta a questão de modelos de forma mais reflexiva. Como se ele trouxesse para a sua vida um dos princípios básicos da Prática Exploratória – o da qualidade de vida. Alexandre parece buscar esta qualidade de vida se espelhando em minha construção como professor. Em meus entendimentos sobre a evolução do discurso do Alexandre, parece ficar bem clara a premissa bakhtiniana de que construímos o nosso discurso através do discurso do outro. Ele constrói o seu discurso inicial do que é ser professor tendo o meu como base. Contudo, ao longo desta pesquisa, ele remolda este discurso a partir das interações nas quais ele se engaja. Na entrevista do dia 10 de novembro, pude perceber como o discurso que o Alexandre construiu na primeira entrevista apresenta-se de forma mais reflexiva. Isto se deve ao fato de que ao tomar parte de outras práticas discursivas ele está negociando e construindo outros significados. (Moita Lopes, 1996)

## **5.5 Construindo a compreensão do discurso**

Conforme colocado até o momento, a construção da identidade profissional de Alexandre tem sido permeada pelos diversos contextos em que ele está se tornado participante. Através da análise desenvolvida até agora pude notar que o discurso do Alexandre vem se modificando a cada novo passo que ele dá em direção à carreira que ele escolheu. Contudo, será que ele percebe está mudança? Eu, no papel do outro, percebo através dos enquadres e de seus posicionamentos discursivos que o meu colaborador de pesquisa está se construindo como um professor reflexivo, consciente de sua prática pedagógica. Para tentar responder à pergunta supracitada propus ao Alexandre que nós fizéssemos uma inversão de papéis: ele agora seria o pesquisador e eu me tornaria o colaborador. A partir desta

dinâmica, proponho nesta seção a análise de um extrato do discurso de Alexandre me entrevistando, na tentativa de compreender como ele percebe a mudança em seu próprio discurso.

### 5.5.1

#### “O que é ser um bom professor pra você, Edmar?”

Como disse anteriormente, nesta seção, desenvolvo a análise de um fragmento da entrevista feita no dia 22 de dezembro de 2005. Esta entrevista se configura de uma forma diferente das outras, visto que, as identidades foram invertidas: eu conduzi todas as outras entrevistas, entretanto, o Alexandre conduziu esta. Meu objetivo nesta entrevista foi tentar entender como o Alexandre percebe esta mudança na sua construção discursiva e, conseqüentemente, identitária. No fragmento abaixo, percebo que Alexandre busca subsídios nas entrevistas anteriores, conduzidas por mim, para tentar estruturar a sua.

#### Entrevista dia 22/12/2004 Fragmento Único

T	L	PART	FALA
01	01 02	Alexandre	Bom ... vou começar te fazendo uma pergunta que você me fez acho que... na... primeira entrevista... O que é ser um bom professor pra você, Edmar?
02	03 04 05 06 07	Edmar	Ai que pergunta difícil... [RISOS] well... pra mim a condição primária de um bom professor é gostar do que faz... e isso serve não só para professor... mas para todas as... as ... profissões... mas o professor... por ser uma profissão difícil no Brasil... você tem que amar o que faz... só assim você vai ser um bom professor.
03	08	Alexandre	Só isso é suficiente para ser um bom professor?
04	09 10 11 12 13 14	Edmar	Claro que não... além de amar o que faz... você tem que se dedicar a cada instante da sua vida... você tem que estudar... o professor está sempre estudando... refletir sobre a sua prática... não só conduzir as aulas e sim ter consciência do que está fazendo e para que está fazendo isso. Eu sempre procuro pensar no objetivo de cada atividade que vou desenvolver e o quão proveitosa vai ser para a turma, né...
05	15	Alexandre	Então a reflexão é a chave para ser um bom professor?
06	16 17 18 19 20 21 22	Edmar	Não sei se poderia dizer assim... que é a chave... mas que é um dos fatores mais importantes é... eu acho que o professor que reflete sobre o que está fazendo ele... como você disse no outro dia... deixa de ser um simples professor e passa a ser um humanizador... né. Porque só o professor reflexivo é capaz de dar a devida importância à voz ao aluno... esse professor não entra na sala de aula como o sabe tudo... ele tem consciência de que ele também vai aprender muito com os alunos [...]
07	23 24 25 26 27	Alexandre	Isto é verdade, cada dia eu aprendo mais e mais com meus alunos... isso é muito legal... apesar de está a pouco tempo como professor... cada dia eu descubro que é realmente isso que eu quero fazer... quando eu to aqui no curso, nas aulas do TTC, na faculdade... eu vejo que realmente a sala de aula é o meu lugar... só lá eu me sinto bem... me sinto realizado

**Quadro 18** – Fragmento único da entrevista dia 22/12/2004

Alexandre inicia a sua entrevista repetindo uma pergunta que eu havia feito a ele na primeira entrevista. Ele o faz de maneira consciente, através da elocução “eu vou começar te fazendo uma pergunta que você me fez acho que... na... primeira entrevista” (linhas 1 e 2). Após a minha resposta, Alexandre continua e repete a mesma pergunta que eu havia feito naquela entrevista. Quando dou a segunda resposta, introduzo a questão da reflexão em nossa entrevista. Na linha 11, o uso do verbo “refletir” evidencia este tema. Construo o meu discurso calcado na idéia de que o professor deve sempre refletir sobre a sua prática pedagógica. O verbo “refletir” serve como uma espécie de gatilho para uma mudança de posicionamentos na entrevista. Antes da introdução do tema reflexão, a entrevista transcorria de forma tradicional. Alexandre, em posição de maior poder, controlava a evolução do discurso. Entretanto, a partir da linha 16 até a linha 27, a entrevista passa a ser uma conversa em que ambos estamos relatando como construímos em nosso discurso a identidade de um bom professor.

Em nossa fala sobre o tema proposto pelo Alexandre, encontro diversos pontos de convergência teórica. Uma delas é a questão da co-construção do conhecimento discutida por Edwards e Mercer (1987). Segundo os autores, o conhecimento é construído através da interação. Corroborando esta idéia, Moita Lopes (2002) acrescenta que na sala de aula diversas são as contribuições para a construção de significados, visto que, este é um contexto social multifacetado. Vejo refletidas na fala do Alexandre as diversas vozes que circundam o meu discurso dentro e fora da sala de aula. A escolha pelas formas verbais “aprender” (linha 22) e “aprendo” (linha 23), parece evidenciar minha percepção. Ademais, Alexandre parece construir um discurso que percebo estar dialogando com todos os contextos interacionais em que ele toma parte: o contato com os alunos, as aulas do TTC, o Curso de Letras. Ao associar “aprendo” com “meus alunos” (ambos linha 23), Alexandre parece estar se construindo dentro de uma prática reflexiva (Allwright, 1996), em que tanto os alunos quanto o professor negociam e constroem conhecimento.

Na próxima seção faço uma revisão das percepções construídas neste capítulo de análise. Durante esta revisão, me reporto aos conceitos teóricos que orientam esta pesquisa. O objetivo desta revisão é tentar preparar o leitor para os entendimentos gerais da pesquisa que serão traçados no capítulo seguinte.

## 5.6 Reverendo a análise

Nesta seção construo uma síntese da análise descrita neste capítulo com o objetivo de clarificar aspectos que possam ter ficado obscuros para o leitor durante meu processo analítico. Como vimos, o processo de construção da identidade social do Alexandre é permeado por diversos fatores sociais construídos através de sua inserção em diferentes contextos. A seguir, apresento, de forma resumida como se deu este processo de construção longitudinal dentro deste período de 1 ano e meio.

Na primeira seção da análise, discuti, a partir de um fragmento da aula do dia 15 de setembro de 2003 e de três fragmentos da entrevista conduzida no dia 26 de novembro do mesmo ano, como Alexandre constrói o sonho de “ser” professor (Fontana, 2000). Durante a análise dos dados, pude notar que, no trecho da aula, ele expressa a sua vontade de ser professor, me elegendo, a partir do meu discurso de sala de aula, como o ‘professor ideal’. Para construir este modelo, ele utiliza traços de minha identidade profissional e pessoal. Alexandre retoma a questão de querer ser professor e de que há um ‘modelo ideal’ durante a entrevista. Nesta, ele constrói a imagem do que é ser professor apontando que basta seguir o ‘modelo ideal’ e, também reforça a idéia de que o ‘meu modelo’ é o ‘ideal’. Outra questão abordada por Alexandre durante a entrevista foi a visão tradicionalista de que o professor é aquele que ‘sabe tudo’. Em virtude desta perspectiva quanto a identidade do professor, Alexandre se posiciona indeciso quanto a sua escolha; ele não sabe se é ‘bom’ o suficiente para ser professor. Ao final da entrevista, ele constrói a sua visão sobre o Curso de Letras. Para Alexandre, esta representaria apenas uma burocracia, visto que, para ser professor, em sua opinião, bastava ter um bom inglês e ter tido ‘bons professores’ que o indivíduo pudesse ‘copiar’.

Em suma no primeiro momento de análise, Alexandre constrói o seu sonho de ser professor a partir da visão tradicionalista de que professor é aquele indivíduo que sabe tudo. Por isso, ele se mostra indeciso quanto a escolha desta profissão, já que, ele não considera que seu inglês seja suficientemente bom. Ainda, ele também tem a visão de que o professor é um reproduzidor de técnicas e não um indivíduo reflexivo. Para ele, para ser professor basta copiar um bom

professor que você tenha como modelo. Alexandre projeta esta imagem de bom professor em mim.

No segundo momento de análise de dados, observo o discurso do Alexandre para tentar entender como ele se constrói como professor. Neste momento, os contextos interacionais dele haviam se diversificado, já que ele era aluno do curso de TTC e do Curso de Letras, além de estar começando a dar aulas de apoio no CEL e fazer parte do grupo de reflexão de professores. Neste momento analiso um relatório de estágio, uma entrevista feita em forma de introspecção no dia 18 de agosto de 2004 e uma outra entrevista conduzida no dia 28 do mesmo mês. Pude perceber que, no relatório, Alexandre se posiciona como professor. Através das escolhas lexicais, ele constrói a sua identidade de professor do curso. Contudo, no extrato da entrevista, ele retoma o posicionamento de aluno no início. Porém, ao longo de seu discurso, ele muda este posicionamento e passa a alinhar-se como professor. Outro fato que também pude notar nestas informações, foi o desenvolvimento de um pensamento reflexivo. Alexandre demonstra em seu discurso a importância do professor refletir sobre sua prática e não simplesmente reproduzir métodos e técnicas de ensino. Este mesmo discurso também é notado na entrevista do dia 28 de agosto. Nesta, Alexandre também aponta que o Curso de Letras está representando um fator importante para sua construção como professor. Ao final da entrevista, ele retoma a questão de modelos, opondo-a ao conceito de inspiração. Para ele, modelo é aquilo que se deve seguir sem questionamentos, enquanto inspiração representaria um parâmetro reflexivo.

Assim sendo, posso dizer que neste segundo momento de análise de dados percebemos que Alexandre está construindo a sua identidade profissional de uma forma reflexiva. E isto parece se dever ao fato dele, neste momento, estar atuando em diversos contextos interacionais.

Prosseguindo com a análise dos dados, pude notar, a partir de três entrevistas – uma no dia 8 de outubro, outra no dia 28 do mesmo mês e a última no dia 10 de novembro – que Alexandre se constrói cada vez mais reflexivo. Na entrevista feita com sua professora de Didática Sandra Fazenda, percebo que o discurso reflexivo do Alexandre está sendo construído com âncora no discurso da professora. Certos aspectos de ambos são muito parecidos, como por exemplo a questão do professor ser um humanizador. Esta postura corrobora e reforça a importância da reflexão para o processo de ensino-aprendizagem. Em sua

entrevista, a professora afirma que tenta desenvolver nos alunos uma consciência crítico-reflexiva e não ensinar teorias didáticas. Alexandre traz para seu próprio discurso esta perspectiva reflexiva. A última entrevista deste bloco, parece reforçar todos os conceitos discutidos anteriormente, visto que ele adota uma postura muito mais reflexiva ressaltando que é através da interação que construímos nossos significados.

Ao final do processo de análise, estudo informações obtidas na entrevista conduzida no dia 22 de dezembro de 2004. Contudo, esta entrevista se configura de forma diferente por dois motivos. Primeiro, quem está conduzindo a entrevista desta vez é o aluno-colaborador e, segundo, por que esta começa como entrevista e acaba se transformando em uma conversa onde ambos, eu e o Alexandre, expomos um pouco de nossas identidades como professores. Durante esta análise, o discurso estudado parece reforçar todas as questões discutidas anteriormente. Novamente, Alexandre diz que o professor tem que dialogar com o aluno, pois tanto o aluno quanto o professor aprendem durante o processo de ensino-aprendizagem. O meu discurso, também, parece refletir este pensamento. Em suma nesta entrevista os participantes alinham-se como colegas e constroem um discurso reflexivo em que as idéias estão muito próximas.

Em resumo, através da análise, pude observar como o discurso do Alexandre se modificou ao longo deste um ano e meio. A inserção dele nos diversos contextos interacionais dos quais ele passa a ser parte o faz construir um discurso reflexivo, formulando novos conceitos e reformulando antigos para poder afirmar sua identidade de professor. Nesta seção, construí um breve relato da análise proposta nas seções anteriores e teci alguns entendimentos acerca do processo de construção da identidade profissional do Alexandre. Assim sendo, no próximo capítulo, construo algumas considerações sobre este estudo como um todo, e apresento alguns pontos sobre a relevância desta pesquisa para a formação do professor.